

FERIDA NO INTERIOR

DO NARIZ



Philomena Barbosa

Estado de Matto-Grosso.

Vaccaria, Alegrete, 25 de
Dezembro de 1913.

Illms. Srs. Viuva
Silveira & Filho.
Pelotas.

Tendo soffrido por mais de
dez annos com uma ferida no
nariz, e havendo recorrido aos
medicos até na capital do Para-
guay, mesmo assim não conse-
gui debelar o mal, então resol-
vi usar o vosso "ELIXIR DE
NOGUEIRA" e hoje estou radi-
camente curada.

E por ser verdade, passo es-
te, podendo fazer delle o que
convier.

Philomena Barbosa.

O ELIXIR DE NOGUEIRA - vende-se em todo o BRASIL

Republica do Uruguay, Argentina, Paraguay,
Chile, Bolivia, Peru, etc., etc



Nº 36

Revista
Feminina

Anno 4

Sociedade de Productos Chimicos L. QUEIROZ



A AGUA DA BELLEZA

deve se achar em todo o boudoir das senhoras elegantes e que prezam a sua epiderme. Torna a pelle alva e avelludada, tira as manchas e da-lhe um aspecto encantador. E' O ENCANTO DAS SENHORAS.

Petroleo Americano

Além de dar brilho aos cabellos e de tornal-os macios e crespos, essa loção é infallivel para combater a CASPA e evitar a QUEDA DOS CABELLOS.

Preparado com Kerozene e não com benzina ou essencias como os productos similares, elle é por isso mesmo mais efficaç.

LIMÃO BRAVO E BROMOFORMIO

de L. Queiroz

E' o melhor XAROPE para curar a TOSSE, a ASTHMA, a COQUELUCHE e o CATARRHO CHRONICO. E' DE SABOR AGRAVAVEL.

AS COLICAS HEPATICAS

um preservativo na taes. Com este re-

LITHOBILINA

ou Cólicas do Fígado, os CALCULOS BILIARES encontraram um remedio efficaç e preparado ideal, composto exclusivamente de vegeto-medio torna-se inutil o uso das Aguas de Calsbaden.



O Guderin

é a salvação das Senhoras pallidas e anemicas. Augmenta extraordinariamente o numero dos glóbulos vermelhos e dá força e augmento de peso. E' util na debilidad e na anemia devidas ao PARTO e as grandes hemorragias e na Amenorrhéa e outras molestias das Senhoras.

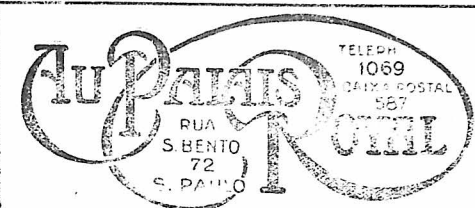
Todos estes preparados encontram-se á venda nas principaes pharmacias e drogarias e no Deposito Geral

Sociedade de Productos Chimicos L. DE QUEIROZ

Vantagens

excep-

cionaes



Saldo

para

Liquidar



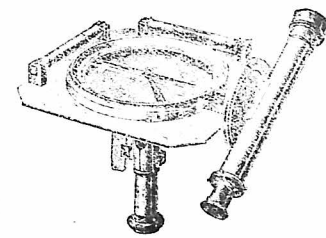
Vantagens excepcionaes
Saldo para liquidar

Colossal sortimento de
roupas brancas

Apresentamos a seguir o sortimento de roupas brancas que temos em estoque, para a temporada de verão. O sortimento é completo, com peças para todas as idades e gostos. Temos blusas, camisas, vestidos, saias, etc. Tudo em tecidos de primeira qualidade, com acabamentos perfeitos. Os preços são muito baixos, para que todos possam aproveitar esta oportunidade. Não percam tempo, venham nos visitar hoje mesmo.

Gravados, Menas, Canie-
res e Roupas Brancas
Bexoucos para
Cavalos, Grande
Atletico em
Couture.

Preços Modicos

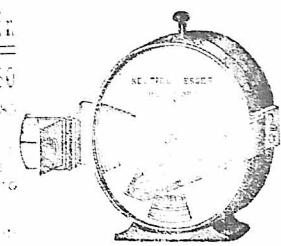


Casa Rosenbain

Rua S. Bento N. 60
São Paulo - Caixa 186

Comando e stock
Instrumentos de
Engenharia no
Brasil.

o Pequeno Analogo



Vinho (vinho que da vida)

BIOGENICO

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurastênicos, anêmicos, dispepticos, e artríticos.

Poderoso tônico e estimulante da «Vitalidade», o VINHO BIOGENICO — é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psíquica e da energia cárbica.

É o fortificante preferível nas convalescenças, nas moléstias depressivas e com-motivas, neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsia, adynamia, cachexia, artériosclerose, etc., etc.

Reconstituinte indispensável às senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como as mães de leite. O VINHO BIOGENICO aumenta a quantidade e melhora a qualidade do leite. É um poderoso medicamento bioplástico e biogénico.

Encontra-se nas boas farmácias e drogarias desta cidade e no depósito geral.

Pharmacia e Drogaria

Francisco Giffoni & C.

Rua 1 de Março, 17 Rio de Janeiro



SÓ
E' CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO
QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA
QUEM QUER
TEM CASPA
QUEM QUER

Porque o **PILOGENIO**

Faz nascer novos cabelos, impede a sua queda e extingue completamente a caspa. BOM E BARATO — Em todas as farmácias, drogarias, perfumarias e no depósito.

— Drogaria Francisco Giffoni & C. —

— Rua 1.ª de Março, 17 Rio de Janeiro

BEXIGA. RINS. PROSTATA. URETHRA DIATHESE URICA E ARTHRITISMO

UROFORMINA, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradável ao paladar, cura a insuficiência renal, as cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethrites chronicas, catharro da bexiga, inflamação da prostata. Previne o typho, a uremia, as infecções intestinaes e do aparelho urinário. Dissolve as areas e os calculos e acido urico e uratos.

Nas Pharmacias e Drogarias.

Deposito: — **DROGARIA GIFFONI**

Rua Principe de Março n. 17

Exclusivamente para **Senhoras e Senhoritas**

Premiado na Exposição de Bruxelas e com medalha de ouro na Exposição de Hygiene

O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque...

...é uma preparação conscienciosa, seria e não é imitação.

...tem sido usado, sempre com excellentes resultados, contra as sardas, rugas, pannos, espinhas e manchas da pelle e nenhum outro é comparavel a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram, que apparecem, e que apparecerão, embora com nomes differentes, não podem fazer concorrência ao já consagrado

CREME DO HAREM

Estojo 3\$000

Pelo Correio 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na

PHARMACIA E DROGARIA SANTOS

Rua São Bento 74-A S. PAULO



Para bem vestir, é necessário o uso do **Collete Ideal**.

Fabricação esmerada sob medida da

BOJA

IDEAL

Telephone Central 4792

LARGO DO AROUCHE, 75

S. PAULO



Madame Esther Leo

DIPLOMADA EM STOCKHOLMO

- Instalação completa para Ginnastica-Medica
- Sueca e Massagem - Tratamentos especiais
- de Scoliose, deformidades e falta de desenvolvimento geral, etc.

Dão-se também cursos de Ginnastica

Pedagógica Sueca e respiratória

EDUCAÇÃO PHYSICA

Os cursos são divididos em turnos

As turmas para meninos e meninas são

Mme. Esther Leo e Ragnhild suas alunas para Exynos, Senhores e Moças, para Mme.

Esther Leo e S. Lundberg

Os cursos são pagos adiantadamente

TELEPHONE Cid. 803

S. Paulo Rua General Jardim, 67 Brasil



Calçado

ALAS

Estylo e moda

ALAS S. PAULO
RUA DE SANTANA

O ESPECIFICO DA ANEMIA TUBERCULOSE

Vinho Reconstituinte

— SILVA ARÁUJO —

Rachitismo - Fastio - Escrophulose, etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, doentes, debilitados, e para os adultos

Torna as crianças saudias e fortifica os fracos

Para uso das crianças dyspepticas, que têm difficuldade de digerir e cujas evacuações são irregulares, fétidas, escuras, deadas ou talhadas, usa-se o poderoso, inigualavel e sempre efficaz

DIGESTIVA INFANTIL

de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições

— ou após as mamadeiras —

A' base papaina virgem pura

As vezes, quando se fala em "desenvolvimento econômico", a primeira coisa que vem à cabeça é a ideia de crescimento econômico. Mas, na verdade, o desenvolvimento econômico é um conceito muito mais amplo e complexo. Ele envolve não apenas o crescimento da produção e do emprego, mas também a melhoria da qualidade de vida, a redução da desigualdade social e a promoção da sustentabilidade ambiental.

Portanto, quando se fala em "desenvolvimento econômico", é importante considerar todos esses aspectos e não apenas o crescimento econômico em si mesmo. Isso porque, sem a melhoria da qualidade de vida e a redução da desigualdade social, o crescimento econômico não é sustentável a longo prazo.

Todos os hospedes de ... a reducao de 2% ... duclas e economias do Dr. Jagannath ... annexo a Pensao Vitalis.

Por carta da -se outras informacoes, que podem solicitar a Direccao esta entregue agora a reconhecida e competencia da Exma. Sra.

D. Carolina de Souza Santos Forbes



Grande officina de costura de vestidos
para senhoras e meninas.

HENRIQUE BAMBERG
RUA LIBERO BADARÓ Nº 113

Telephone, 1013 - Caixa, 113

CAIXA POSTAL 177 □ □ TELEPHONES. 743 e 3255

FUNDADA EM 1883

SANTOS
CAMPINAS
JAHU'
RIB. PRETO

Costumes e Paletots modernos



O mesmo paletot em foulé azul marinho, forrado com pura seda. Acabamento superior.



Completo sortimento em peles.

Wagner, Schädlich & Co.

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA
ENCADERNAÇÃO PAUTAÇÃO
LIVROS EM BRANCO
GRAVURA EM COBRE E AÇO &c

GRANDE E VARIADO SORTIMENTO EM
ARTIGOS PARA PINTURA E ENGENHARIA

CAIXA DO CORREIO 143
TELEPHONE 814

SOCIEDADE ANONYMA "CASA VANORDEN"

LOJA E ESCRITORIO
RUA DO ROSARIO 9 e 11
SÃO PAULO.

OFFICINAS
RUA BORGES DE FIGUEIREDO
MOÓCA

Productos de Bel- leza de F. LOPEZ

LOÇÃO DE VENUS dá
pelle instantaneamente uma al-
tura encantadora, tornando a
cutis fina, lisa e assestada: cu-
ra espinhas, cravos, sardas, pan-
nos do rosto e todas as impu-
reza da pelle; é o mais fino e
delicado de todos os prepara-
dos para a cutis.

ONDULINA o melhor producto para alformosear os ca-
bellos; torna-os macios, brilhantes e ondu-
lados. Cura a caspa e a queda dos cabellos rapidamente, dá aos ca-
bellos belleza e vigor, tornando-os abundantes e bonitos. Perfume sublime.

DEPILATORIO LOPEZ faz desaparecer instan-
taneamente o cabelo, pello e
penugem do rosto ou de qualquer parte do corpo; evitar imitações;
exigir o legitimo F. LOPEZ.

LOÇÃO ORIENTAL faz desaparecer as rugas e
pés de galinha do rosto, tor-
nando a cutis fina, lisa e delicada; em loções sobre os seios fortifica-
os e endurece quando calidos e molles, é o melhor manigemo.

AGUA INDIANA para dor a cor castanha ou pre-
ta, progressivamente sem prejudi-
car a pelle, não é Thieria; dá a cor desejada gradualmente.

Vende-se nas Drogarias, Perfumarias e Pharmacias
Deposito Geral: - Baruel & C. - S. Paulo
Laboratorio: R. Paulo Frontin, 47 e 49 - Rio



Lavadores! Industriais! Commissarios! Constructores!

A Companhia Industrial MARTINS BARROS, fabricante
e importadora de machinas para todo o genero de la-
voura ou industria, e ferragens em geral, — e dispondo
de grandes officinas para trabalhos mecanicos, fundição
de ferro e bronze, serraria, carpintaria, etc. — acha-se
em condições de poder attender promptamente a qual-
quer pedido dos srs. Lavadores, Industriais, Empreitei-
ros, Constructores Commissarios, etc. Pedimos, por isso,
que, antes de comprarem qualquer especie de ferragens,
machinas ou accessorios ou de ajustarem a compra de
qualquer installação industrial, — indaguem primeiro
da QUALIDADE e dos PREÇOS das machinas e materias
em geral que lhes poderemos fornecer.

Daremos sempre com muito prazer quaisquer informações
que nos forem solicitadas. — Cateologos, lollhetos, grupos,
plantas e orçamentos, — mandaremos a quem os pedir,
sem compromisso de compra.

Cortem o coupon abaixo, escrevendo nas tres
primeiras linhas o assumpto sobre o qual desejam
informações e o remetam ao nosso endereço.

Companhia Industrial MARTINS BARROS

N. 6. — Desejo informações sobre:

Nome.....
Cidade.....
E. de Ferro.....

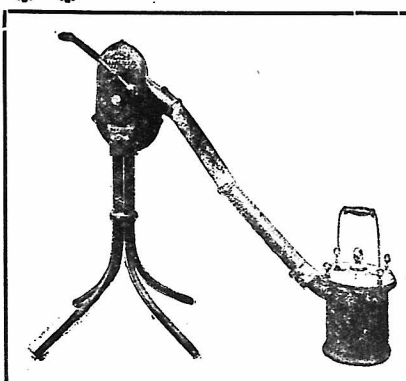
Companhia Industrial MARTINS BARROS
RUA BOA VISTA, 46 — Caixa Postal, 9 — SÃO PAULO

As Formigas Saúvas Depois de co-
nhecida esta ma-
chinha "Luiz da Silva"
a conhecem cen-
tenas de lavradores que sabem dos seus infalliveis
effeitos contra a existencia das daminhas formigas,
não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos
causados por tão terrivel praga.

Não são mais necessarios reclamos para tornar
conhecidas as vantagens da machinha "Luiz da Silva",
bastam os testemunhos de centenas de lavradores
que se consideram felizes em possuir a referida
machinha, e a fama justa que attestam os milhares
de testemunhos que presenciam os maravilhosos
effeitos e a economia que se verifica com a appli-
cação da machinha "LUIZ DA SILVA" e do ingre-
diente "BUFFALO".

Peçam informações á Sociedade Paulista de
Agricultura — Rua Libero Badaró, 125 — S. Paulo.

Carrapatos. Contra a terrivel praga dos carrapatos
tambem se encontra com a mesma Socie-
dade o infallivel carrapaticida marca "TOUR".



E' sem duvida o melhor preparado, o mais effizaz e o mais economico. Peçam informações a respeito.
Diarrheia dos Bezerros. Contra a diarrheia dos bezerros é CYMAOL o remedio infallivel encontra-se com o depositario Luiz
da Silva, R. Libero Badaró, 125S. Paulo.

Feridas dos Animaes. Para curar quaisquer feridas do gado cavallar, bovino, etc. emprega-se o BICKMORINE. Dirigir pedidos
ao sr. Luiz da Silva, Rua Libero Badaró, 125, S. Paulo.

La Hacienda. A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos da Agricultura. Obtem-se a sua as-
signatura de um anno por 3 dollars, e 60 centesimos e por 5 annos por 18 dollars, com direito a um elegante e finis-
simo relógio suizo dourado.

Fazenda Moderna. A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a criação de gado, e um grande volume encadernado,
No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com porte pago por 21\$500.

Peçam nosso catalogo illustrado. Remettemos gratis, citando o nome desta REVISTA.

Corte e envie sem demora este coupon á redacção da Revista Feminina

..... de de 191.....
Sra. D. Virgíline de Souza Salles DIRECTORA DA "REVISTA FEMININA"
Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) — S. Paulo

Peço-lhe inscrever-me como assignante da Revista Feminina,
por um anno, a começar em
de 191..... e a terminar em de 191.....
para cujo pagamento encontrará annexo a importancia de Rs. 8\$000
(em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

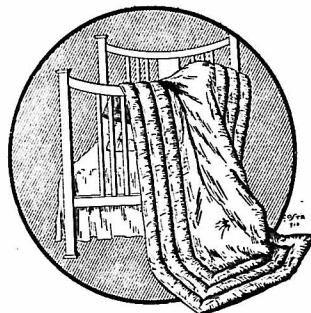
As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor declarado

Endereço.....
Lugar.....
Estado.....
Observações.....



EDREDONS E COBERTORES DE LAN

NOVA
REMESSA



PREÇOS
MODICOS

Aconselhamos as nossas freguezas, em vista do augmento continuo de preços, a comprarem AGORA tudo que necessitam em COBERTORES DE LAN, EDREDONS, ETC, pois não garantimos manter por muito tempo os nossos preços actuaes.

COBERTORES DE LAN, PARA SOLTEIRO	
cores rosa, azul e amarello pallido.	27\$
IDEM em branco só	30\$
COBERTORES DE LAN, para casal, artigo fino,	
38\$, 45\$, 60\$, 70\$	
COBERTORES DE ALGODÃO FINO	
para berço 12\$500, para casal,	25\$
ACOLCHOADOS de setineta estampada para criança	
90x120 35\$ 90x150	76\$
IDEM em setineta verde, para solteiro	45\$
IDEM em setineta estampada de um lado, e seda estampada do outro 90x180	90\$
EDREDONS em messaline de seda 90x180	150\$
IDEM em setineta, com lindos desenhos, para casal	
150x180 78\$ 150x180 85\$ e	90\$
LINDAS QUALIDADES EM RIQUISSIMO SETIM	
CORES DIVERSAS, 180x150 375\$ 150x180	520\$

MAPPIN STORES

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 :-: S. Paulo

Director-proprietario: João Salles

Assinatura Annual para todo o Brasil R\$, 8\$000

Preço para a venda avulsa : 400

O assinante tem direito, pelo preço de assinatura, aos números extraordinários (que são vendidos avulsamente a 1\$000) e aos brindes.

Directora: VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Redacção:

Rua 15 de Novembro N. 33

Sobrelaja

Telephone da Redacção, N. 3651

Telephone da Residência da Directora N. 818 cidade

ANNO IV 8

SÃO PAULO, MAIO DE 1917

NUM. 36

Revista Feminina

MAIO

MAIO evoca toda a suavidade floral que dimana, com a água leve de uma nevoa sobrea tinta triste de um crepusculo, do olhar claro e puro de Maria, claro como os luars de lha de uma nupcia serena, puro como uma virgindade que concebe sem macula.

Em maio tudo se enflora; tudo se aligeira; tudo se empampana... Uma imagem de bondade visita cada corolla, abençoa cada fronde, entra com a clara luz augural pela janella de cada casa... A canicula de verão, que vem esmorecendo, arrefece de vez. Brizas frescas, que se lavam nas essencias das flores, poem no ar a agitação carinhosa de leques perfumados. Nos taboleiros dos jardins a propria terra, ennegrecida de humos, florece em malizes.

Nos troncos nodosos e resequidos das roseiras, como em almas impenitentes, borbulhas que semelham o ex-pluir de odios, mansamente desabrocham em hastes, que rosas coroam de virtudes. Já os cactus da maldade cessaram sua rubra floração, que gottejava sangue das pontas em lança de seus gomos: suas flôres pendem encarquilhadas e exangues, na prece de maio. De lagrimas ha apenas a dos cyclamens que sobre o beiral dos vasos choram as tres dôres da contrição. Tudo mais é claro!... Tudo mais é azul, é roseo, é ouro... Maio é a festa do matiz suave; a festa do meio tom; da luz que repousa; da tepidez que convalesce; do perdão que extingue; do balsamo que unge... E' a festa de Maria!

Abrem-se as manhans numa gloria de luz; e na nave azul do ceu o thuribulo de oiro do sol queima, desde cedo, o incenso redolente dos jardins.

Fecham-se as tardes num suspiro que é caricia; e nas aguas escuras da noite desliza a lua como um grande barco de velas pandas, a desfolhar aos ares uma barcarola nostalgica.

E pelas manhans radiantes, pelos meridianos pomposos, canta a luz a gloria de Maria; e pelos crepusculos

suaves, pela escuridão murmura, o coração negro da magua, que é a alma da noite, reza a Ave-Maria!...

Todos imploram Maria. As virgens abrem-lhe suas almas tímidas, desabotoam sem pudor suas camisetas de batista e mostram-lhe os primeiros pequenos pesares que lhes varam o peito. São alvas camelias de innocencia que os peccadinhos, como dedos profanos, de leve tatuam. E ellas confessam-lhe seus tormentos de amor, enquanto lhe entrelaçam rosas para o nicho, como se falassem a uma irmã mais velha, á confidente que perdôa e que protege...

As mulheres contam-lhe os seus cuidados, os seus primeiros ciumes, a floração torturada de seus corações.

As mães encomendam-lhe seus filhinhos tenros e na cabeceira dos leitos accendem-lhe a prece de uma vela.

E mesmo as infelizes as que se deixaram derivar pelo declive do desvairo, desgrenham junto a sua imagem, a implorar piedade, sua miseria immensa!

Maria a todas sorri, a nenhuma desconsola, e seu olhar tão limpo como o sol que aclara a neve, parece ter a misericordia do infinito pela decomposição do paul...

Maria é mulher: amou e soffreu. Nestas duas expressões que polarizam os sentimentos maiores da alma, está a synthese que tudo abrange; do soluço ao beijo. Maria é mãe. Para a mulher que amou, que concebeu e que soffreu, a vida é clara de lôr como o leite das aguas razas. Ella a conhece, na sua origem mais intima, porque sentiu no seu ventre seu primeiro estúio; e porque teve na vida a maior partilha da dôr. Ha soffrimentos que só a ella affligem. Nasceu, pois, com maior resistencia para os supportar e com maior coragem para se resignar.

E' sua alma como a do aço. Tem a tempera fina e nobre, a tempera que se enrija em couraças impenetra-

veis e que se deixa consumir — como as laminas que se aham a um attito suave — ás mais ligeiras emulações da compaixão.

Sua essencia completa-se na trilogia: — Amor, soffrimento e piedade... Ama num soluço, concebe num gemido e fecha os olhos á vida, com uma lagrima que abençoa!

Não lhe competem, na vida, esforços e lutas. E apenas a urna sãna sagrada em que a alma da raça se perpetua; é a cera ductil que grava os ecos das alegrias e dos pesares... A veneração que se lhe deve é a que faz dobrar os joelhos a quem passa em frente a um hostiário.

E Maria é o typo supremo dessa concepção. Nella se culminou aquella trilogia. Amou sem peccado. Concebeu sem macula. Foi mãe, numa aureola. Soffreu, numa apothese. Realizou sua feminilidade no maximo do seu esplendor e, atravez de todas as torturas, de todas ansias, de todas as contorsões da dôr suprema, que são as contorsões da vida, sua imagem plainou e plainará pelos seculos, — branca nevoa! — na purpura alcandorada do espaço, intangida e intangivel, como flammula branca de perdão e de misericordia, para as misérias em que a vida fermenta e se reproduz...

No mez de maio não ha jardim em que não desabote uma flor para seu culto; não ha um coração que não tenha uma confidencia... Ella a todas as dôres comprehende!

E, no adro illuminado das egrejas, do coração das mulheres uma prece se eleva, tatala as azas e vôa em direcção ao nicho de Maria... Azas brancas... azas de illusão... pobres almas de mulher!... Enchem a egreja de um sussurro, batem as azas no ambito estreito... e vão morrer aos pés de Maria, no arrulhar de uma ave que morre exgottada, no grande sonho inatingivel do infinito...

Anna Rita Malheiros

(Para a Revista Feminina de S. Paulo)

NOSSA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS

- ... As senhoras brasileiras podem, de ora avante, aumentar de modo fácil a receita do seu lar, ganhando para os "alinhados"...
- ... Neste momento, de aguda crise, é dever da mulher não só reduzir as despesas de casa, como ainda, aumentar a receita, ajudando seu marido a ganhar...
- ... A Revista Feminina fornece-vos um meio de, com vosso trabalho "sem vexame", concorrerdes para o rendimento de vosso marido...

O sucesso completo que tem tido a nossa exposição de trabalhos compensa-nos os esforços que empregamos na sua organização.

É nosso intuito exclusivo, oferecer às nossas leitoras um meio fácil de obterem uma nova fonte de renda para os seus lares, com o produto dos dedicados labores de suas horas de entretenimento. Conseguimos, inteiramente a realização desta parte do nosso programma. A maioria dos trabalhos expostos já foi vendida e as nossas expositoras já foram embolsadas das respectivas importâncias. No nosso primeiro mez (fevereiro) as vendas elevaram-se a 8.122\$000; em março importaram, em 5.374\$500; e no mez de abril proximo findo, em 3.282\$400; o que dá, lindo total em tres mezes, de Rs. 16.778\$900!

A diminuição progressiva das vendas explica-se pela falta de trabalhos novos, que não nos têm sido remetidos em proporção equivalente aos trabalhos vendidos. O que havia de mais facilmente vendável — roupinhas para crianças; roupa branca bordada para senhora; rendas; filete e pequenos trabalhos em lingerie — teve immediata sahida. Delles está inteiramente desfalçada nossa exposição, que ficou limitado a quadros, trabalhos em madeira e moveis, que são de maior preço, de menor procura e, portanto, de mais difficil collocação.

Esperamos, porém, receber pelos vapores que vêm do norte do Brasil,

nova remessa daquelles trabalhos e como já temos muitas encomendas para elles, é natural que a importância das vendas seja muito maior durante o mez de maio. Pedimos a todas nossas leitoras que nos enviem trabalhos, de preferencia, dos artigos acima enunciados.

Devemos accentuar que *nenhum lucro procuramos* com a nossa exposição. Deduzidas as pequenas despesas de collocação todo o restante é enviado integral e immediatamente às expositoras.

A seguinte carta, identica muitas outras que temos recebido, demonstra a nossa solicitude: "Acabo de receber o seu vale postal com a importância de cento e cinquenta e quatro mil e quinhentos réis de meus trabalhos! Muito obrigada. Não pensei alcançar tanto! São coisinhas que eu fazia para me distrahir, mas que nunca pensei em vender. As senhoras dizem que servem para os alinhados. Servem para muito mais. Dão-me para o meu vestido de Semana Santa, levando papae desta despesa que lhe ia ser pesada. Vou, agora, dedicar-me com mais gosto ao trabalho e breve lhe enviarei uma nova remessa. Mand-me dizer si tem procura também, os trabalhos de crochê, porque minha irmãzinha, invejosa de meu ganho, quer aproveitar a sua exposição! Vejam que a idea se está propagando!"

Deixamos de publicar o nome de nossa missivista porque guardamos

a maior reserva sobre as nossas expositoras, evitando assim qualquer vexame para as que não desejam que se saiba que expõem a venda seus trabalhos, por um preconceito que respeitamos, mas que achamos desarrasoado.

Pela carta acima vê-se o interesse que está despertando nossa exposição, até mesmo entre as meninas, criando no espirito das brasileiras um estímulo novo de economia productiva que fortalecerá os nossos lares. Não se esqueçam, pois, da nossa "Revista".

Lembrem-se sempre as senhoras brasileiras do pequeno grupo de abelhas que aqui trabalha, sem esmorecimento, pelo nosso sexo...

É muito facil a qualquer de nossas leitoras angariar uma nova assignante para a Revista. É um esforço minimo, que nada custa e que cooperará eficazmente para que cheguemos a ter no Brasil uma revista, como nós sonhamos e que honre a cultura feminina. Vamos! Um bom movimento!... Envie-nos *hoje mesmo* o nome de uma nova assignante. Acabada a leitura desta ligeira nota, antes que vos esqueças, um telefonema ou um bilhete a uma de vossas amigas intimas e teremos, amanhã, o prazer de uma carta vossa com uma nova assignante. É um pequeno esforço para um resultado enorme.

Exposição de Caricaturas

Na Camara Portuguesa de Commercio, Industria e Arte, à Rua de S. Bento, inaugurou em fins de Março, o Sr. Joaquim Guerreiro, uma exposição de caricaturas. É uma galeria de 15 quadros, de tamanhos variados, em que o prestigio-o lapso do artista soube apanhar, de relance, alguns tipos de personagens, conhecidos em nosso meio social e algumas secuas de humorismo ligeiro, frisando o seu perfeito conhecimento do desenho, a sua technica impecavel e de aguarela e a sua visibilidade interessante em observar, com ironia leve, as pequenas saliencias caricaturaes, que todos possuímos, em maior ou menor escala. Mas são caricaturas que não offendem, nem melindram a vaidade ou o amor proprio de ninguém e os olhos admiram mais a justiça dos traços, a facilidade e harmonia das linhas, do que propriamente o exaggero caricatural que mal se destaca.

Desses desenhos, todos de uma originalidade inconfundivel, seria justo relevar alguns que mais se impõem à attenção do visitante, taes como as caricaturas de, Germano Martis, dr. Lisboa Junior, René Thiollier, Arthur Mendes, Ricardo Severo, Gomes dos Santos, Leopoldo de Freitas, etc. São quasi retratos, ligeiramente *chegados* de um humorismo scintillante, com o vinco psychologico, bem accentuado, de uma finissima observação.

Ao lado dessas e doutras muitas caricaturas, ha ainda a notar estudos variados de secuas allegres, mollescas, misticistas e alguns tipos, singularmente bem observados e justos, e, nesse numero, força é citar um *typo marsehez*, de uma execução tão perfeita e tão feliz que, provavelmente, essa pequena tela é irreproduzível e um dos melhores trabalhos de Guerreiro.

Em summa a obra do sympathico artista, bem conhecido nos meios de Lisboa, Paris, Rio, Buenos Ayres, Montevideo e

Santiago, foi acolhida, entre nós, com applausos sinceros dos entendedores e dos criticos.

Parece-nos, porém, que o sr. Guerreiro ainda é capaz de nos dar coisas muitissimo superiores, pois muito fiamos do seu bello talento e porisso é que desde já, esperamos ansiosamente as quatro series que elle nos promete e nos quaes fixara com a sua bella arte, cheia de elegancia e finura, o corpo medico de S. Paulo, os jornalistas, os politicos e silhuetas femininas que estão despertando a curiosidade de muitas das nossas gentilissimas patriotas.

Escusado é dizer, depois deste brevisimo, mas leal esboço de critica, que antes e uma nota de archivo, que a exposição do sr. Guerreiro tem sido muito visitada e que a maioria dos quadros expostos já foi adquirida, por amadores de bom gosto desejosos de enriquecer as suas collecções artisticas, com essas pequenas preciosidades.

CRYSANTHEMOS

La terre jusqu'à n'en produit de plus beau que la fleur.
Maeterlinck, Le Double Jardin.

NÃO sei se a rosa já foi apeada do seu lindo throno que era o reinado ephemero dos jardins. Talvez não, porque a sua graça ha de fascinar sempre, como o riso chrysalino, nos labios vermelhos da mulher amada. Não desaparecendo as outras flores que lhe disputavam a primazia, balsaminas e geraneos, pentas e ranunculos, resedás e botões d'ouro — flores humides, predilectas outrora nos velhos canteiros dos jardins fidalgos, esquecidas depressa e tratadas hoje como anellas da excelsa rainha, damas de honor da sua corte, feita de perfume, de colorido e de frescura.

Mas outras desabrocham e vestem-se de galas, para seduzir e conquistar e, a pouco e pouco, com tenacidade e persistencia, com milagres de forma e com filtros maravilhosos de aroma, conseguem crescer nos jardins, ao lado da orgulhosa, que se não lembra das ideias subversivas deste seculo de democracia barata, em que tudo tende a nivellar-se e a florir na mesma altura rasa.

Pobre rosa! estás quasi desthonada! Ainda vicejas no verdor das *poieuzes*, — rubi ou perola, num engaste de esmeralda; ainda tremes no seio das mulheres, como a tontura de um desejo e um anseio de amor; ainda fenecees nos jarões das salas, na luz discreta das alcovas, em lentos martyrios; ainda as tuas gavinhas se enroscam pelas arvores e entretecem em suaves molduras as paredes das casas, os caramanchéis e os balcões; mas o verão não dura sempre, o sol enfraquece, esvae-se o calor, morre o aroma e esfolham-se as petalas, uma a uma, quando arrepiam os primeiros frios do inverno.

Dos teus inimigos, rosa tyranna, são cada vez mais atrevidos os cravos, as violetas, as dhalias e os crysanthemos.

Estes são novos ainda. Vieram ha pouco dessas ignotas paragens do Oriente, mas, como o astro do dia que se levanta no céu, d'ora em hora, elles invadem os jardins e conquistam maiores preferencias e maiores honras.

Não é o seu perfume que estontea e fascina. Elles não trouxeram consigo as olencias bizarras das arvores de sandalo, nem a viração mysteriosa das flores sagradas dos templos de Budha. Mas resumiram toda a gamma da luz, nos seus cambiantes infinitos, como se incarnassem, em subtile metamorphoses, a alma dos deuses e a claridade prismatica dos antigos heroes, filhos do imperio do sol.

É a forma e a cor a vencerem o perfume, a materialidade nua dos traços e das tintas, sobrepujando a graça espirital que se evola das corollas, como de thuribulos de incenso.

Porque os crysanthemos não têm aroma: são modelos divinos de plas-

tica, suspensa dos caules em maravilhas de escultura, mais semelhantes a estatuas frias de linhas impecaveis, como corpos perfectos na rigidez da morte.

Mas, que importa? Ha toda a profundidade do mysterio nessas flores estranhas, como que a magia seductora das Geishas de olhos languidos, talhados em amendoa, a graça franzina dos seus pes pequeninos, a elegancia sumptuosa dos seus amplios kimonos de seda, o lustre dos seus cabellos, em pinta, em negros como a noite e a cor macia da sua tez, macerada, como o velho martirado estatuas dos deuses, nos templos solitarios, de telhas embrincadas, em forma de mitra.

E essas flores do dragão — ora senelham borlas immaculadas de arminho, com as petalas desfiadas, estriando-se em filamentos de teias de aranha, ora são estrellas perdidas, de tons vivos e callidos, pequenos soes cahidos do espaço, na al-fombra de um jardim, ora conchas sobrepostas e aconchegadas a perfeição dos rinhos, combinações bizarras, de um exotismo estranho, que exgota todos os recortes da forma e todas as bellezas da renda, como franjas de um tecido celeste, ou como bercinhos de insectos dourados, suspensos no ar, ao sopro ligeiro da brisa.

Toda a poesia lendaria desse Oriente e o tenebroso resae nas corollas mysticas de imaginarios leitões. E todo o sol que banha, em ondas de luz, os altos pinacros das serras de Yei-Yama e Sinagava, todo o som-brio contraste das cryptomerias verde-cinza das encostas de Miako, todo o vivo fulgor dos campos rubros de azeales de Yamaguti e toda a tremura dos vulcões, em accessos convulsos de Niphon, ficaram nellas gravados, tal qual um risco de ouro e nankim na opulencia de uma porcelana e a silhueta dos cysnes, nas lagunas calmas, sombreadas de bambús, camélias e camphoras.

Acresce a todo esse encanto a nevosa densa do tempo, o peso da lenda de milhares de seculos.

Não é que o crysanthemo nascesse no solo encantado do Japão. Dizem que veio da Coreia e da China e já Confucio, a par do lotus sagrado, em eras remotissimas, cultivava a preciosa planta, herança dos deuses, chamando-lhe a gloria aurea da cor, na estação outomnal.



Lindo ramo de crysanthemos borlão a relevar e a pinta de no

A repetição desta crysanthemo no lado da mesma porta e a vista de um dos jardins, mostrando a beleza e a variedade das flores.

Havia então quinhentas variedades apenas. Hoje, ha mais de quatro mil, diferenciadas na forma, no colorido e no tamanho e, de anno para

anno, baptizam-se, com nomes bizarros, duzentas a trezentas combinações novas, — parto milagroso das forças ignotas da matéria e da sciencia carinhosa da moderna horticultura.

Na Europa, o reino do crysanthemo, data de pouco: os primeiros exemplares figuraram na exposição de Grenelle, em Paris, em 22 de Novembro de 1882. Entrou desde então na moda, em todos os países, submissos á doce psychologia da França.

Parece, todavia, que já, muitos seculos atraz, quando a Hollanda era a primeira potencia naval do mundo, depois das peregrinações aventureiras dos navegadores luzes, se conhecia a mysteriosa flor, debruçada nas cerâmicas preciosas e exóticas, importadas do Oriente.

O botânico allênão Breyer escrevia em 1688 uma breve monographia, descrevendo alguns exemplares, existentes em jardins holandezes, não se sabe onde, mas, por negligencia ou descuido, a planta desapareceu, abafada talvez pelo cauliculo absorvente e burguez das tulipas caruadas.

Em 1791 o commerciante marseilhês Pedro Blancart acclimatava o crysanthemo nos jardins da Brevença, descobrindo uma verdade fecunda que revolucionou a botânica, quer dizer, que só a semente da individualidade novas, variedades caracteristicas, como que almas novas em corpos de virgens.

Depois da obscuridade veio finalmente o triumpho. Mas no occidente, o culto que lhe tributam as almas dedicadas dos amigos das flores nem de longe se compara com o feiticismo do japonico que lhe consagra festas e lhe dedica verdadeiros altares.

No Japão o mimoso *kiku* é celebrado em todos os tons, com o enthusiasmo hyperbolico de um lyrisimo infantil, cheio de imagens brilhantes. Ora é o «nascimento da aurora», «suspiro da lua», «olhar do sol», ora «cabeleira de Musmi», «Corações de neve».

Lá, o crysanthemo tem a sua festa nacional, e dantes, o Mikado, em pessoa, era quem dirigia os convites aos fidalgos e nobres, com ricos bilhetes de pergaminho que tinham no centro, em ouro, a flor heraldica, com os bordos orlados de outras pequeninas, formando combinações com folhas de paulownia. Em Paris ha uma dessas cartolinas, datada do seculo XVIII que foi, no Japão, o grande seculo da galanteria e do amor.

O nono mez do calendario japonico recebeu o nome de *Kiku-kudi*, mez do crysanthemo, em homenagem á flor sagrada, á flor religiosa, que viceja, em macissos, ao redor dos templos e nos campos vastos, como um tapete de colorações phantasticas.

Então celebra-se a festa tradicional, com abundantes libações e comese o arroz doce, aromatizado de petalas.

A nossa admiração não chegou, por enquanto, até esses rituaes estranhos de uma poesia tão suave. Mas o culto do crysanthemo cresce dia a dia, aquecido ao calor das almas affectivas, namoradas sempre da

belleza dos traços e do matiz das cores. Elle não tem perfume? Que importa? As estatuas divinas da Grecia e de Roma, as cathedraes e os templos, as pinturas de Raphael e Da Vinci, a abobada dos ceus e a vastidão dos mares, tambem possuem apenas um encanto: o mysterioso dominio da linha, a bizzarria da forma, a irresistivel sedução da cor...

Não sei se a rosa já foi apeada do seu lindo throno, que era o reinado ephemero dos jardins. Talvez não. Decerto nunca. Mas d'ora avante, surgiu-lhe um rival, mas um rival que muito bem pôde converter-se em esposo, no manto nupcial da mesma belleza, na combinação exhaustiva das formas, no consorcio maravilhoso do aroma e na eucharistia mystica da cor, sol a divinal benção da luz.

S. Paulo, 19 de março de 1917.

J. Machado.

LITTERATURA PATRIA

O RIO

O rio! Quem não evoca a esse nome, o defluir manso da corrente pulverizada de ouro nos rios tremulos do sol, rendada de sombras caprichosas de arvoredo, escando a voz confusa e mysteriosa de suas águas com as vozes ora graves e esdrúxulas das aves aquáticas, e caminhando caminhando sempre?...

Vem-o, ora carinhoso e meigo, namorado solitário, a passar sob as janelas emramadas da Floresta, atirando-lhe, como beijos, um punhado de gotas peroladas; ora, Regio Esposa enfurecida, a rugir nas enchentes, rascando a marcha triumphal por cima de cadáveres de troncos e ao desabar de barancos, embatendo-se contra paredes e rechos, ou, monstro farto e sonnolento, a se engolham as águas e se lhe perde a identidade no esquecimento final e absoluto do Rio Ser?

E quantos aspectos varios nessa carreira quantos contrastes estupendos nessa vida que corre, corre, para apagar-se no seu Xirana, a vasta sepultura azul do Mar, onde se lhe engolham as águas e se lhe perde a identidade no esquecimento final e absoluto do Rio Ser?

Humilde e mesquinho ao nascer, e nas calceiras primeiro um olho d'agua e depois um lacrimal; ninguém o conhece; borbota apenas daqui e dali; medroso e tremulo, chora entre as pedras, pedindo uma fresta por onde esgueire em sua marcha para a luz; a pouco e pouco se arrasta e engatinha e do seu nítido da Montanha vai bebendo de caminho, cada vez mais gulosamente, as gólfadas líquidas de vida. Como o dos seres animados, o seu nascimento requer mysterio e sombra.

Já aventura uns passos mais seguros, e ainda exige o amparo das grutas, a protecção das margens resedias de terras, as pontadas de raízes que Elle, em troca, refresca e alenta; já balneia, corre agarrado, dose ás pernas do arvoredo, e ainda as ruínas protectoras se erguem sobre o seu leito. E vai e vem, e vão se lhe alargando as margens, até que nenhum galho gigantesco de figueira possa mais tocar outro galho igual, estendendo do outro lado. Então, orgulhoso e forte, não pede mais caminho: abre o seu.

Surge, porém, um obstáculo; torçese e evita-o, porque, como o selvagem, ama o repouso e o somno, e não gasta forças inutilmente.

Vae coleando, coleando e seguindo o seu rumo. A rota é segura agora, nada se lhe antecipe. Mas, ás vezes, a Montanha estende-lhe no caminho uma barreira de pedra. Então, Elle como que pára afim de medir o adversário e, negligentemente certo do triumpho, resolve forças, espreitando-se nos largos remansos. Depois entesepase e rugir e arremette o precipitase com flegor tanto maior quanto maior é o obstáculo, e estaca na catadupa. Aqui, triumphador majestoso e soberbo não se contenta em marchar sobre montes de pedras, adversários prostrados a seus pés; cria azen, esparta os aros, dilatesse em neblina, sobe, transformase em luz e é o Arco Iris.

Mas essa variedade de aspectos, essa belleza magnifica á qual não faltam nem o lyrisimo dos idyllios nem o sopro epico das tragedias; essa sublime harmonia entre o rio e a floresta e a montanha e o céu; essa concordancia suprema dos animas com as coisas; dos peixes, das aves, dos insectos com as águas, a vegetação e a luz. Isto não encontramos em tão alto relevo senão nos nossos rios tropicaes, nas solidões que arrastaram ao meditativo Alexandre Humboldt os seus, de certo, miliaes verdadeiros arruinhos de enthusiasmo.

O homem enquadrase tambem na paisagem e é uma nota afinada nesta symphonia dos seres. E' preciso, porém, o crivo para ver a Mãe Natureza em obra; todas as officinas de artistas entram em contribuição e com a maior actividade. Todos os artes e todas as sciencias se distribuem hierarchicamente, methodicamente, numa ordem tão limpida e tão evidente que só pode ser divina: as cores se desdobram, os contornos se afirmam, os blocos se arredondam, as vozes se afinam, os compassos formam-se, as figuras passam, os grandes se tornam abstrusos, as miniaturas desdobrem-se e a unidade profunda dos seres desabrocha á face translúcida da Creação. E é tão perfeita essa harmonia que a terra não precisa o sítio risinho mas a brehia; a agua não busca a molle campina, mas o pinheiro; o surubú não deforma a agua crystallina, mas o verde negro. O barqueiro tem um quê da physiognomia do rio, como o marujo do Oceano.

Quem vagon dias e dias nos miossos grandes rios centras não esquecerá jámais essa rega de amphibios, os barqueiros, cujos olhos, ora transparentes, ora velados, ora escuros, ora vermelhos, ora barrentos, têm as mutações da superficie das águas que ellos conhecem como o palpitir do proprio coração.

Os barqueiros têm affinidades com os savos, os martinis-pescadores, as capivaras, as antas, os jacarés, do mesmo modo que com os ingleiros, os jabolás e as fiqueras que nadam á beira dos rios. Os seus siléncios e os seus cantos afinam tambem com a paisagem em que passam noites em barcos amarrados em raízes, dormindo ao chapinhar da corrente sobre as bordas do madeiro sonoro, ponde ouvir em faustas de taquara o caboco contar suas penas ou revelar suas encrenhas. Em taes horas, o Minhocão deserta do seu longo somno para cavar os paredões do rio e fazer as profundas lapas ou abridos os abismos em que as ilhas fluvias se galvanizam; o caboco d'agua, pondo d'agua a sua calceia, e divagando em torno os cilios vermelhos como brases, ronda junto das canoas a ver se agapan um remeio desceitudo para levar o ao fundo e tirar dellas o seu manjar favorito a boca, os olhos e o nariz; a euborinha d'agua, de cabelllos alvissimos e com uma estrella de ouro na testa, mostrase ao foliz a quem a só vista della assegura a conquista das maiores riquezas.

E o barqueiro canta enquanto os currujeiros crecitam, a mãe d'agua dofia o seu roário, as intanhas papicam em do profundo, trillam os grillos, corram as gins, piam os "peixe-fritos", o vento geme na galhada, responde-se as aguas bochucando e o ambiente inteiro vibra num somno euforico e igual. Ondas de uma força desconhecida percorrem a atmosfera, despertam nas nuvens o trovão, corram os ares com o rastro de fogo, dos meteoros, varram o ether mysterioso e chegam aos astros que entram no concerto universal. E então a Noite chora as lagrimas do orvalho benfazejo sobre a pelle ressequida da terra tropical. Tal, é o rio, a unica inexpressivel dos seres na Grande Opera da Creação.

AFONSO ARINOS

A Esposa

Deve conhecer bem seu Marido

PARA todas as coisas da vida se faz habitualmente uma indispensavel aprendizagem: o casamento, porem forma uma excepção a esta regra. Diz-seia que aquele acto, de importancia tal que implica com a existencia inteira, se pode realizar sem nenhuma das precauções ordinariamente adoptadas nos actos mais simples.

A causa disto é a crença geral enraizada nos costumes e nos habitos secularmente transmitidos de geração em geração, de que aquela aprendizagem se faz... *degras...* Ah! E bem preciso e aprender depois, custe o que custar, quantas vezes a custa das experiencias mais cruéis, já que na maior parte dos casos se não pode aprender *antes*, mas não se pode deslazar o que está feito.

Dizemos na maior parte dos casos porque, felizmente, ha ainda algumas excepções.

Toda a gente poderá citar exemplos de casamentos entre pessoas que viveram juntas e que portanto tiveram tempo, muito tempo para se estudar.

Quando uma mutua afeição existe durante esse longo periodo, em que os dois tão bem se pode conhecer, e tem como resultado o casamento, pode ter-se como certo que os dois esposos foram, na verdade, tallhados um para o outro e que viverão felizes juntos, porque sua união repousa sobre bases solidas cimentadas pelo tempo; simpatia, estima, semelhança de gostos, ideas e caracteres, os melhores penhores de boa harmonia.

Outro tanto não se poderá dizer destes amores subitos que ardem, como feixes de palha, destas fascinações romancescas nascidas da fantasia e da paixão, sentimentos efemerios que se desvanecem mais rapidamente ainda do que appareceram, deixando de si apenas deslúscios e amarguras.

Em regra, quanto mais prolongado e o periodo durante o qual os dois esposos tem occasião de se estudar e conhecer, antes do casamento, mais probabilidade ha de que sua união será feliz desde principio, porque assim se reduz muito a duração daquela fase critica e difficil que se segue aos primeiros tempos da vida em commum e que é o periodo em que os esposos começam a conhecer-se.

Esta regra geral não é, contudo, absoluta. A não ser que os futuros esposos vivam já quasi em commum, lado a lado, podendo encontrar-se a cada momento, difficilmente se conhecerão bem um ao outro antes do casamento.

E' que *como não se mostram um ao outro como são na realidade*. E' visto bem que — salvo em casos perfeitamente excepçoes — eles não adoptam este procedimento para armarem uma cidade. Não, O motivo inconsciente da sua duplicidade, se isto é duplicidade, e de resto muito natural e desculpavel.

O que elles pretendem, em primeiro lugar, é *agradar* — agradar um ao outro. Ora, que fazem para isso? Dissimulam os seus defeitos, as suas pequenas fraquezas. Evitam mostrar egoismos impacientes... que sei eu! Por outro lado, precisam de ostentar boas qualidades, principalmente qualidades praticas, apreciadas nas pessoas casadas: complacencia, bom humor, equalidade de caracter, etc.

Tais estratagemas não somente não são repreensíveis — como até são louváveis. Tenhamos ainda em vista que com tal procedimento as pessoas estão sempre de sobreaviso contra as suas mais tendencias — o seu inimigo — e que o esforço por as vencer, nunca se faz em vão, seja qual for o motivo que o determina. Desta forma, as pessoas, procurando agradar, tornam-se de facto mais capazes e mais dignas de agradar. O desejo de agradar faz milagres. O desejo de agradar!... Assim o tivéssemos nos sempre, e tornar-nos-íamos perfeitos! Infelizmente não dura sempre, e daí um grande mal, porque a sua persistencia constituiria um dos mais efficazes elementos da felicidade conjugal, como adiante veremos. (Cap. IV)

Antes do casamento, o desejo de agradar, ainda que legítimo, torna-se mais prejudicial do que util para o exato conhecimento que um do outro teriam os esposos, se tal manifestação exterior não viesse influir na demonstração das suas qualidades e defeitos.

Desta maneira a não ser nos casos já citados de quando as relações veem de longa data — será muito difficil á mulher, antes do casamento, poder estudar o seu futuro marido de modo a conhecê-lo convenientemente. Vamos mais longe ainda. Mesmo quando de ha muito os futuros esposos tem relações constantes, não pode a mulher conhecer o esposo que lhe está destinado tão perfeitamente como depois do casamento.

A vida em commum cria uma nova situação, na qual certas asperezas de caracter, que até ali em vida menos intima, passaram despercebidos, se revelam dolorosamente, como tambem verdadeiros tesouros de bondade e dedicação, igualmente ignorados, depois desabrocham e confortam o coração.



Por isso quaisquer que sejam as circunstâncias que antecederem o casamento, a esposa deve continuar a estudar o seu marido, para o conhecer bem, pois que só depois disso poderá trabalhar eficazmente para a felicidade de ambos.

Quando uma donzela pensa no seu casamento e no futuro esposo, trabalha efectivamente muito mais do que geralmente se imagina.

Infelizmente todo esse trabalho mental funda-se em dados imperfeitos e enganadores, que na sua maioria são principalmente influenciados pelos romances, pelas conversas com amigas, por coisas de imaginação, numa palavra. Só em muito pouco o seu espírito se vai orientar pela observação, pelas leituras proveitosas, pela boa razão.

Daqui resulta que a maior parte das donzelas imaginam o casamento e o marido, através um ideal absolutamente falso, embora sempre maravilhoso.

Quando mais tarde, o sonhado marido lhes aparece na pessoa real do noivo, logo elas lhe dão certos atributos do ideal que formaram.

Tanto mais será revestido desses atributos quanto a noiva menos o conhecer; porque a falta de conhecimento verdadeiro, a jovem vê nele, com desvanecimento, todas as qualidades que sonhara para o futuro esposo, dando assim uma aparência de realidade ao seu sonho.

Ao passo, porém, que ela o vai conhecendo melhor, começa a desaparecer o aureolado esposo, mas ainda assim *como ele quer agradar* conserva ainda um certo prestígio, e a noiva feliz continua a ver nele uma espécie de "herói de romance", até ao casamento, algumas vezes até ao fim desse período ao qual de maneira tão justa e poética, se deu o nome de *lua de mel*.

A *lua de mel* é a fase do casamento durante a qual, como no tempo de namorados, os esposos ainda *desejam agradar*.

E' uma fase mais curta ou mais duradoura, conforme os casamentos, e em alguns casos *dura toda a vida*.

Na maior parte do tempo de casado, e principalmente por culpa da mulher, o marido, mesmo conservando a sua afeição e o respeito aos deveres de esposo, desleixa-se e esquece o *desejo de agradar*.

Pouco a pouco, começa a mostrar-se *tal qual é*, e dentro da média habitual das suas qualidades e defeitos.

A máscara caiu; de rosto descoberto

O homem fica; e assim se desvanece o herói. Mas a culpa não é do marido!... Faça-se-lhe a justiça de não esquecer que ele, durante um período maior ou menor, domou as suas tendências habituais para agradar à esposa.

Durante muito mais tempo seguiria esta boa regra de vida, se sua mulher não fosse a primeira a dar o exemplo de desleixo, a esquecer-se do desejo de agradar.

Em todo o caso, não é justo censurá-lo por não ter continuado a desempenhar um papel que, desde então, não seria sincero.

Alfugenta o natural...

E ele volta num relampago!

Sinceramente, vossó marido, com o fim de vos agradar dissimulou o seu natural. Em virtude desta sua sinceridade, torna-se *natural*. E tanto melhor, porque então podeis estudá-lo pela certa.

Também não é culpa da esposa se ela, ao cabo dalgum tempo de casada, sofre desilusões. Nunca é demais insistir neste ponto. Ninguém se esforçou por lhe dar, quando solteira, uma preparação para o casamento, e especialmente, ninguém a aconselhou sobre a maneira como se devia comportar com o futuro esposo. A falta duma noção clara do que era um estado tão importante, como o casamento, com informações errôneas e insuficientes e ainda com a sua imaginação que, como faz sempre a todos os sonhos, lhe mostra tudo sempre mais belo do que a realidade.

Com uma espécie de devoção, reveste o marido ideal de todas as qualidades e perfeições sonhadas, e é para ela um godel terrível o reconhecer que o seu noi-

vo, primeiramente, e depois seu marido, não é rigorosamente o modelo imaginado, modelo que não é possível encontrar na humanidade.

Todavia, se o herói se desvaneceu... ficou o homem! E é isto o essencial, minhas senhoras, para dar um marido, um bom marido até.

A perfeição não existe no homem, como, da mesma forma não existe na mulher.

Com que justiça se exigirá mais perfeições no marido do que se deve exigir na esposa?

Será por acaso a leitora uma creatura perfeita? Não lhe será preciso um longo exame de consciencia — por muito pouco sincera que seja para consigo propria — para se convencer de que, se possui, na verdade, qualidades incontestáveis, não é contudo isenta de defeitos.

Se olhar em volta de si, verá que o mesmo acontece com todas as mulheres. Pois bem! Igualmente o mesmo se dá com todos os homens.

Quem quer que seja o vosso marido, não pode ser uma creatura perfeita, pela simples razão de que faz parte da humanidade.

Há de ter defeitos que vos hão de desagradar, e serão esses defeitos o que primeiro vos impressionará. Mas ele também há de ter qualidades, e essas qualidades só pouco a pouco lhes reconheceréis, estudando-o.

E' esta mistura de qualidades e defeitos que constitui a individualidade de cada um de nós. As qualidades podem dominar os defeitos: pode suceder o contrario conforme num individuo as qualidades se manifestam mais vezes ou menos vezes que os defeitos: — é desta variedade que resulta a divergencia dos genios.

Em todo o caso, um homem pode ter mais ou menos defeitos e, apesar de tudo ser um bom marido, capaz de dar felicidade a sua esposa. Se só um homem sem defeitos pudesse ser bom marido nunca, desde que a humanidade existe, teria havido uma esposa feliz, visto que é irreal uma leniz assim.

Todos os homens tem qualidades e defeitos. Todas as mulheres, igualmente, tem qualidades e defeitos.

Ora, tanto homens como mulheres, são quasi todos capazes de se tornar bons maridos e boas esposas.

Eis como as coisas se passam geralmente. Depois daquele período em que os dois esposos vivem dominados pelo desejo de agradar — e que, como dissemos, pode durar toda a vida — dá-se ordinariamente uma crise muito difficil de atravessar.

Os dois temperamentos, não se tendo suavizado, adaptado um ao outro, pelo desejo de agradar, mostram, inesperadamente, os seus defeitos que causam tanto mais surpresa e impressão quanto menos os esposos suspeitavam que eles existissem, num e noutro. Os primeiros choques são dolorosos e ás vezes violentos, dando em resultado questões, censuras e até rompimentos. E' esta a occasião em que os jovens esposos mais lagrimas derramam e vão confiar ás mães os seus desgostos e desilusões.

Ah! não era isto o que eu tinha sonhado! Sem duvida; mas foi mau, que vos deixassem sonhar uma coisa diferente disto; foi muito mau que não vos dessem do casamento uma noção verdadeira e que vos preparassem para estes primeiros dissabores. A's vossas queixas, as mães, quando são mulheres avisadas, podem responder:

"Minha filha! O que te acontece já se deu comigo. Tive as mesmas illusões. Sofri as mesmas decepções. Chorei as mesmas lagrimas. Fui confiar a minha mãe os meus desgostos, e minha mãe disse-me o que eu estou te dizendo. Isso passa. Até agora, tu e teu marido, não vos conheceis bem. Vêdes-vos um ao outro, através dum prisma de illusões. Mas havéis de conhecer-vos melhor um ao outro, com o tempo. Teu marido verá que não és uma pequenina maravilha. Tu, por tua parte, convence-te de que teu marido não foi de encomenda para ti. Maridos feitos de encomenda é coisa que não existe!

Vós ambos, apesar de tudo, das irregularidades de genio, das exquisitices, sois capazes de viver felizes juntos. Tu vês como eu me dou com teu pai.

Quem diria agora que eu, depois do primeiro ano de casada, já chorei e me arrependi de ter casado com ele? E que sucedeu? Cada qual cedeu do seu lado; estudámo-nos um ao outro e chegámos á conclusão de que os defeitos que cada um de nós tinha podiam juntos fazer uma boa união. Agora não me ofendo com uma palavra aspera ou mais alta que ele me diga, porque bem sei que ela sai da boca, mas não sai do coração. Por sen lado, ten paz afez-se aos meus gostos e até ás minhas manias... Apesar de tudo, tens visto como vivemos felizes!

"As arestas dos nossos temperamentos foram-se polindo pela força irresistível do habito e por concessões de parte a parte... O mesmo há de acontecer em vossa casa, dentro de pouco, se tomardes isso a peito."

Assim falaria uma mãe prudente. Mas muito mais avisada seria ainda, se tivesse dito tudo isso a sua filha antes do casamento, logo que esta estivesse em idade de compreender a importancia dum acto que une marido e mulher para toda a vida.

A mãe deveria esforçar-se por incutir no espirito de sua filha, repetindo-o constantemente, demonstrando-o com o proprio exemplo e com outros conhecidos, este principio essencial do casamento:

"*A vida de dois esposos é um commercio entre pessoas que não são perfectas, nem uma nem outra, e cujos temperamentos se não podem harmonizar, nem os seus espiritos e os corações bater de accordo, se não quando cada uma dessas pessoas esteja disposta a sacrificar á boa harmonia de ambos uma parte do seu egoismo, dos seus gostos, das suas inclinações.*

Tal compromisso é tanto mais realizavel quanto os dois esposos melhor sa conhecem, e por consequencia, melhor se compreendem.

E eis porque a esposa deve estudar o marido.



ALZIRINHA

A pequena Alzira, de seis mezes apenas, imita, como um boby de fôr, numa vida de sol primaver, o meio de sua mãe e deve preocupação do seu pai, o sr. Martins Pontes, estimado industrial nesta cidade, proprietario da Casa Pery.

Que o boby desabroche em petas coloridas e perfumadas, da mais linda fôr de ventura, para alegrar os seus genios, progenitores. Que a pequena Alzira fôr de innocencia, seja feliz sempre como hoje e raiante de esperanças e pura como os anjos.

O TORPEDO

Da prôa vinham as derradeiras ondas sonoras da sineta de bordo: — começava o quarto d'alva.

O piloto, revestindo o espesso capote de golla alta, sahira do camarote, subindo do um folego a ponte de commando afim de render o immediato, e lá, encostando-se á amura de boreste rodou o olhar pelo oceano empardecido de brumas, entumescido de vagalhões escachoando no costado da embarcação.

Navegava-se na Mancha, parallelos á costa dentada da península de Cotentin, deixando-se atraz na risca borbulhante das palhetas da helice, o cabo Hague e montava-se áquella hora a ponta de Barleur, dez milhas abertas de terra.

Mais alguns nós de marcha e largariam ferros no Havre.

Aproveitando a folga da noite, a equipagem se aprestava para o proximo desembarque em Franca, termino de rota, onde a demora seria de mais de uma quinzena, antes do retorno ao Brazil — a doce patria ficada lá no outro hemispherio, na cupula azul-torrido do seu céu, com o verde gaio dos seus coqueiros em renques pelas praias: — ultima visão avistada na tarde de Março em que se haviam feito ao largo na derradeira escala brasileira.

A marijada vinha alegre, cantarolando modinhas, mescladas de saudades, essas saudades provadas no mar que vivam como o pensamento para lares distantes...

Embora tardia a hora, lá grossa a faina: das escotilhas enrolavam-se os encerrados; lubrificavam-se os eixos dos guindastes; distendiam-se nos convizes as espigas robustas cheirando á salsação; poliam-se metaes; baldeava-se o tombadilho, ao tempo em que, no seu camarote, á luz de uma empola electrica, o commandante attento servia papéis de bordo para mostra na visita regulamentar.

Na roda de pópa estava agazalhada a bandeira de origem, nas suas cores verde-ouro, toda nova, para algal-a a verga ao amanhecer, quando a terra se precisasse á vista.

A embarcação, na noite escura, guinava, balançava-se, fangendo a mastreação, puxando fumo pela chaminé negra, na cadencia de andamento e da pressão mantida lá em baixo pelo quarto maquinista, de olhos fixos nos manómetros, zeloso, disciplinado, a sonhar, num interregio de vigia, com a mãe velhinha deixada na patria, a lhe dizer na hora da despedida: "Reza a Deus, meu filho. Os allemães são tão malvados!"

Em cima, o piloto inflectia a attenção nas trevas sondando o rumo, o timoneiro, impassível, circumgirava a roda do leme.

Marchava-se...

Uma espiral de fogo, um ronco surdo na casa das machinas, e o vapor adernou, mergulhando.

Dos turcos, os escaleres cahem n'agua com os sobreviventes. O commandante desce por fim, emocionado, espiando a agonia do seu navio.

Um torpedo... — exclama, tremulo.

O submarino vem á tona, lustra o oceano com o holoprote e dá quatro tiros de canhão contra os naufragos.

Os remos chapinham nas aguas grossas e os botes se afastam do redemoinho. O vapor se immerge num circulo de espumas...

Nos seus flancos dilacerados, em chamas, descem para o grande tumulto, surpresos na morte, dois foguistas que retinham nas mãos as derradeiras pás de carvão e o quarto machinista, estertorando em frente aos manómetros, ainda a sonhar, num sonho extremo, com a mãe velhinha a rezar, na linda terra da patria...

Olinda — 1917.

Maria Seta

ANCIA DE MORTE

NOITE alta. Naquelle recanto de praia, tão triste, tão deserto, enfeitado de vetustas arvores de frondes esgalhadas, o velho casarão da Santa Casa dorme silencioso, todo fechado, quasi das escuras. De espaço a espaço, no plano de janella gradeada deixa passar os raios fronzos das luzes que clareiam os aposentos dos doentes mais graves. Naquellas luzes ha sempre um mão presagio...

Aquellas arvores todas contorcidas na ancia intensa da vida, baralhadas os galhos mais altos formando uma cobertura sobre a rua, e, aquellos troncos rugosos em sulcos profundos, no indeciso da sombra, parecem vultos extranhos, corpos esmarrados de mulheres...

Lá baixo, na curva da praia brilham dois pharões, a pouco e pouco as luzes tornam-se mais intensas e mais vivas, e uma ambulancia que se aproxima; num som brusco do ranger dos aços as rodas gemem presas nas laminas dos frios que se engrenam e ella para quasi instantaneamente.

O Hospital é todo silencio. Lá dentro um tympano vibra, som triste que se espalha e se distende echaando pelas tacitas arcadas do vasto casarão.

Ranidos abrem-se os portões e dois homens vestidos de branco descem até á ambulancia e retiram numa padiola um corpo todo envolto numa lá vermelha, carregam-no carinhosamente escadas a cima, de novo os portões se fecham...

Cá fora, um luar suave mergulha em tristezas de afastamento incalculavel os serenos planos marinhos, a dureza ponteadas dos rochedos, as frondes esgalhadas do arvoredor, e, o mar, batendo de encontro ás muralhas do caos solta tristemente.

Ao longo da rua, uma velhinha alquebrada pelo peso dos annos, caminha afflicta, ansiosa reparando em tudo como quem procura alguma cousa. Approxima-se das escadarias do Hospital, para, olha indecisa, sobre com difficuldade os longos degraus, força as portas... depois, num gesto brusco faz vibrar lá dentro os tympanos num som forte e prolongado.

Abrem-se os portões e os mesmos homens, cuidando vir buscar outro doente, apparecem de novo...

Deixe-me entrar, senhor, quero beijar meu filho, e beijal-o pela ultima vez...

E o porteiro num tom aspero misto de supremacia e indifferetismo:

Não é possível, só amanhã. Não são horas de se visitar doentes...

E, a pobre mãe que fugira á vigilancia da familia que a não queria deixar assistir á morte do filho, sente em toda a sua estensão, viva no seu espirito, a visão tetrica da morte... Do imo de seu peito incontinido, varando o silencio, exhalase um lamento; todo o seu corpo tremeu; então, presa duma ansiedade intensa, num afflicção doentia arremette-se de encontro ás grades desvariada e louca...

Num gesto timido de respeito os homens recuam e os gonzois rangem um gemido brusco. A pobre mãe num delirio de dor, entra ansiosa a procurar pelas enfermarias tristes o filho idolatrado.

No extremo d'um longo corredor uma irmã de Caridade reza, ajoelhada, olhos lixos numa imagem santa... a pobre velhinha atira-se-lhe nos braços, fallalhe do filho e a santa mulher guia-a carinhosamente.

A porta d'uma enfermaria ella para, extatica, perplexa, presa da sua nevrose. Um gemido triste passa tremendo, cavando o silencio, após, numa lentidão de arquejos, vêm outros tristes e mugidores, ora angustiosos e graves, ora desvaírados e agudos, e

espallam-se pela vasta enfermaria numa dolencia infinita, num desespero irremediavel, desentranhados doridaamente dos cavernosos pulmões dos corpos quasi mortos...

A irmã ampara-se pelo braço, a cada momento ella retém o passo, para, prescrua attentiosa querendo advinhar em cada gemido a dor do proprio filho.

A um canto, junto a um leito, um medico examina um doente, conta-lhe as fracas pulsações, a mãe aproxima-se ansiosa numa crise de nervos e num supremo esforço atira-se sobre o leito do filho moribundo cobrindo-o de beijos.

O medico retira-se, a irmã diz-lhe ainda algumas palavras de consolo e conforto. Depois, dois homens carregam o doente para um quarto separado.

A mãe acompanha, beijando-o ainda. Deitam-no sobre uma cama, retiram-se indifferentes e, mudos, cerram as portas...

Um sopro de vida ainda faz tremer o corpo do doente, os olhos embaciados abrem-se lentamente, os braços pesados e quasi inertes levantam-se desmesuradamente abertos, dirigidos para a mãe mas cahem logo pesadamente sobre o leito... Os labios tremem balbuciando uma palavra que se congela indecifrável...

A pobre mãe, afflicta, louca de amor colla os labios nos labios do filho num beijo longo e nervoso... de subito, sentindo o contacto frio da regidez das carnes mortas recua desvaírada... O rosto cravou-se-lhe de terror, sentiu estalar o cerebro numa confusão intensa; notas d'uma surdina que se exhalava, relampagos de pensamentos em que se debuxaram scenarios phantasticos, tetricas visões de titans alvorçados, sensações horridas de medo e odio, e, num gesto louco de horror crava as unhas rígidas nos olhos, comprime-os, aperta-os violentamente, arranca-os das orbitas, dilacera as carnes das faces, treme, vacilla e num rigido cavo tomba sobre o cadaver do filho...

Perto, dois cryos crepitam numa chama esmaecida e longa e o fumo, em longas espiraes, envolve aquellas duas almas que desaparecem subindo, subindo...

Alvaro Sotelo

A PAGINA MAIS TRISTE

(PARA A REVISTA FEMININA)

... Isto é tão triste que era impossivel prever! Só hoje é que te sinto indigna desse altar que eu vinha com um fervor christão a levantar no mais puro, no mais sagrado do meu ser!

Fui tão sincero que me custia ainda hoje crer na realidade! mas, tudo vae terminar! Parte! Manda-o o destino! E, emtanto, é bem de ver que inda te olha sem ira ou queixa o meu olhar...

Por ti sacrifiquei meu velho rito de arte! Reneguei-o por ti, escrevendo estes versos feitos somente para o teu orgulho! Parte!

Não levarás de mim palavras de odio, não! Outros teriam, sei, pensamentos diversos. Eu nunca! Humilhar-te-á muito mais o perdão!

Osorio Borba

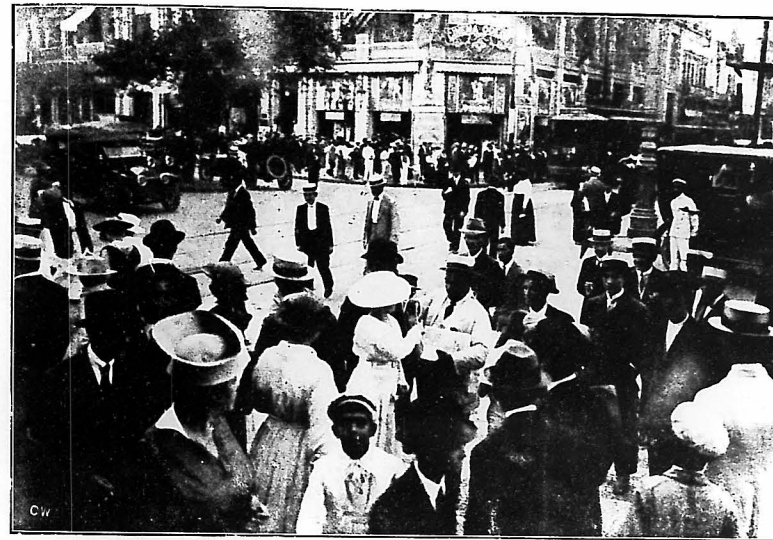
Pernambuco, 1917.

A NOSSA SUCCURSAL NO RIO

Como as nossas leitoras já bahamos, cheias de radiosas esperanças, sabem acabamos de abrir uma succursal da *Revista Feminina* no Rio de Janeiro, á Rua Buenos Ayres n. 77 a cargo do Comandante F. A. Pereira.

A nossa iniciativa foi acolhida carinhosamente na capital do paiz não só pelas senhoras

Como as nossas leitoras já bahamos, cheias de radiosas esperanças, sabem acabamos de abrir uma succursal da *Revista Feminina* no Rio de Janeiro, á Rua Buenos Ayres n. 77 a cargo do Comandante F. A. Pereira.



A distribuição do ultimo numero da REVISTA FEMININA no Rio, em plena Avenida Central, vendendo um dos nossos representantes, num grupo de senhoras que se disputavam os exemplares. Ao fundo, do outro lado do passeio, distingue-se outra agglomeração de pessoas onde a nossa revista é igualmente muito procurada. Apesar de distribuirmos mais de tres mil exemplares, todos elles foram poucos para a immensa procura que tiveram, o que muito nos penhora e anima.

da grande e adeantada cidade, noudosas patricias do Rio, em sempre promptas a amparar tudo quanto visa um nobre ideal de progresso e a defesa das suas mais santas aspirações, mas também pela imprensa que para comnosco foi de uma captivante gentileza.

Alargando a sua esphera de acção e approximando-se mais do coração e da cabeça do paiz, a *Revista Feminina* obedece ao seu programma, procurando estabelecer a intima communhão da mulher brasileira no progresso da sua patria, firmando e estreitando os laços que a todas nos devem unir nessa santa cruzada pela qual nos dedicamos e tra-

se bem que augmenta as nossas responsabilidades e o nosso trabalho, já nos tem proporcionado farta messe de consolações, pois embora nascida e installada hon-tem no Rio, a *Revista Feminina* foi alli acolhida com um enthusiasmo fervoroso e só recebemos aplausos e incentivos.

Resta agora que o fogo dos primeiros enthusiasmos não se

apague tão depressa e que todas as nossas gentilissimas e bondosas patricias cariocas se interessem pela revista, procurando-a com assiduidade, angariando assignaturas e compenetrando-se do seu espirito e da sua orientação.

O que podiamos fazer está feito, com sacrificio, mas com a

melhor boa vontade. Agora que todas nos auxiliem e rivalizem de dedicação, completando a nossa obra e fazendo-lhe produzir todos os seus fructos.

A *Revista Feminina* deve entrar em todos os lares, no Rio e em toda parte, como um symbolo e uma palavra de ordem: o symbolo da mulher brasileira, com todas as suas qualidades e maravilhosas virtudes, a palavra de ordem da união de todas as mulheres na santa cruzada da nossa honra, da nossa dignidade, do nosso patriotismo, da nossa cultura e do nosso progresso.

PERFUMES... DA ROSA MYSTICA

Entre as muitas ficções da *Divina Comédia* ha uma em que o divino poeta, transpando a linha azul do infinito, se nos apresenta extasiado deante d'uma roseira immensa, bracedante e tranquilla, que espalma as suas folhas e inclina as suas flores sobre um fundo glorioso de luz, onde doidejam cabecinhas loiras de anjos e passam ligeiras azas brancas de cherubins.

O poeta repuxa a chlamide nivea do seu guia e pede que falle.

— A roseira que vês, diz elle, é a das almas impollutas. Candeas de viver sobre as misérias da terra, sacudiram o pó das fimbrias rastejantes e voaram para alli... e ali descansam. Cada rosa que vês symbolisa uma daquellas almas.

Mas a do centro tem mais graça e tem mais vida. Suas petalas levemente cobertas de rubor são riscadas por fios de ouro que se desprenderam das estrellas, e a sua corolla suavemente entreaberta é um calix de beijos que labios angelicos atram para alli, entre sorrisos e canticos, nas grandes horas de apothose e triumpho.

— Por aqui passou Deus, continua o guia. Aquellas petalas foram o seu primeiro manto, e aquella corolla foi o seu primeiro sacramento.

E' a Rosa mystica das paginas biblicas. E' Maria, a Mãe de Jesus.

Eu não sei se ha na terra flor mais bella e mais mimosa do que a rosa dos nossos jardins!

Desde os tempos romanos, em que P. Claudia pedia que lhe cobrissem o tumulo de folhas purpuras, até ao dominador dos persas que se apazia em beijar as flores rosadas que enfeitavam o seu palacio; desde a rosa d'ouro benzida pelos Pontifices, até aos jogos floreaes dos torneios galantes; desde a rosa heraldica do Brazil imperio, até ás flores do milagre da Rainha Santa, que grande historia não encerra a soberana dos canteiros e dos valles, das estufas e dos campos, das corbeilles e dos jardins!

Engrinalda com brilho as arcarias dos templos e adorna com graça as frontarias dos castellos. Derrama com abundancia perfumes sobre thronos e espalma com sorrisos aromas sobre altares. Enlaça-se na coroa dos heroes e poisa nas tranças das virgens. Brinca despreocupada sobre o berço das creancinhas e desfolha-se lacrimosa sobre a terra dos cemiterios.

Como é querida, feliz e encantadora a rosa dos nossos jardins!

Pois Maria é a Rosa Mystica das nossas igrejas.

Erguida sobre um pedestal de jaspe, em que a collocaram as mãos puras de um Deus, reflecte ella em todas as suas petalas os fulgores irradiados e brandos de todas as estrellas e de todos os astros.

Conhecemol-a todos desde os tempos immaculaveis da nossa infancia e

puericia, porque o seu nome foi o primeiro que os nossos ouvidos a perceberam ao sermos embalados no regaço das nossas mães entre suspiros e preces, entre canticos doces e espumas de rendas. Suave como a brisa a segredar confortos; harmonioso como uma sonata a communicar alegrias; ora triste como um cantico de Ossian a invocar saudades, ora jubiloso como um côro hieratico a glorificar prazeres, ouvimo-lo sempre e em toda a parte, quer na penumbra dos nossos primeiros annos, quer na plena luz da nossa virilidade.

Por isso tem elle sempre a delicadeza suave e divina das filigranas d'ouro com que os anjos rendilham a tunica inconsul da sua innocencia, e possui sem irregularidades a paz tranquilla e serena das santas velhices, quando, nas horas benditas do reconhecimento e do silencio, se entregam ás meditações e beijam o crucifixo.

E comtudo esse nome é o de uma humilde mulher que viveu no esquecimento e na pobreza, que quiz ser Esposa e não ponde deixar de ser Mãe.

Como explicar tanta grandeza e tanta formosura, tantas benções divinas e tantas glorificações eternas?

E' porque as virtudes que lhe exornavam a alma chamaram as atenções de Deus.

Predestinada para cooperar na Redempção, o tempo decorria-lhe sempre entre arroubos de sonho, tranquillo, doce e sosegado como a lua radiosa da sua terra natal.

Mas de subito essa paz augusta transmuda-se numa convulsão extranha.

Era chegada a plenitude dos tempos e o Eterno querendo que o seu Espirito descesse á terra para iniciar a sua grande Obra, olhou para todo o mundo e só foi encontrar para os lados do Oriente, n'um povoado escondido e quasi deserto da Palestina, a flor, humildemente inclinada, sobre cuja haste virgem devia pousar a Pomba divina que descia do Ceo.

Essa flor foi Maria, a Rosa Mystica, a Mãe de Jesus.

De virgem modesta passa desde então a ser o calix da Eternidade, a pixide do amor, o cofre da Luz, o sacramento da Verdade, a urna preciosa da Justiça, do Bem e da Gloria.

O seu seio converte-se num santuario. E' a fonte transbordante e agitadora do Evangelho. Delle nasce a palavra, o olhar, o milagre e o heroismo de Jesus Christo. Delle desprendem-se as amarguras do horto, as parabolos do monte, os suspiros e as agonias da Cruz. E nelle finalmente vão ligar-se, numa confusão alacre, torrentes de vida e canticos triumphaes.

Ao lado de Jesus vemol-a depois, sorridente e feliz, compartilhar de todas as suas glorias divinas, e, nos mo-

mentos de tristeza, despedaçar-se, muda e sublime, sobre a penedia aguda de muitas dôres.

Do Presepio ao Golgotha a sua vida é um mixto de sorrisos e de lagrimas, que lhe aurorisam perpetuamente a face branca e pallida de Virgem e Mãe; é uma lição de amor, candura e firmeza que brilha constantemente como uma esphera de crystal sobre ondas de luz desprendidas de astros puros e rutilantes.

A mulher dos nossos tempos tem alli muito que aprender.

Os novos sparthacos, advogando a alforria das graças gentis, apuram-se deante de nos e dizem-nos com resabios de altivez e nobisismo quem-se-lhe as arcarias dos lyceus, abram-se-lhe os porticos das academias e penetre ella de fronte erguida no alcear de todas as sciencias.

De accordo, muito bem, mas com restricções.

Professe a mulher a religião grave e pesada da sciencia mas tendo lançado primeiramente sobre as suas tranças soltas e sobre a sua alma em botão o veio diaphano do noviciado e depois com elle nas recamaras illuminadas da fé e no santuario unigdo da piedade christã.

Abraçada a fé em sua esthetica divina, adquiri ella a sciencia nos seus arrojados processos. Vingados os fóros eternos da alma pôde estudar as leis immutaveis da materia.

Pouco importa! Sobre a philosophia inflexivel da Cruz, podem erguer-se sem receios as discussões admiraveis do Areopago; sobre as confissões prodigiosas de Santo Agostinho, os conceitos profundos de Linneo; e sobre o credo invariavel de S. João de Deus, os aphorismos encantadores de Hypocrates.

O erro e a má fé dos que querem levantar a mulher sobre as ruínas do culto é claro, frisantissimo e funesto.

As paginas de sangue da historia n'ol-o affirmam entre gemidos e maldições.

Helenal mancha grosseiramente com o seu halito infecto a flor setinea da mocidade grega. Cleopatra decapita Marco Antonio, esbafetando lubricamente na face do puslanime, a dignidade patricia do povo rei. Fredegunda envolve ás escondas no sudario rasgado de Chilperico a realza dum solio coberto de vilipendios... Basta!

O papel da dama no theatro historico, pôe bem em relevo a alta influencia que a alma feminina exerce nos destinos do mundo e nas aspirações sociaes.

Como aproveitar para o bem, elemento que tão eficazmente pôde cooperar para o mal? Educando-a, mas dando á sua educação, como base granitica, a sumula austera e purificante da fé.

Eduque-se a mulher no credo do dever; váze-se-lhe a actividade consciente nos moldes suaves e fortes da religião, e veremos surgirem de novo, como flores entre ruínas, as Brancas de França e as Izabels de Portugal, as Luzes de Biget curando os feridos á luz da metralha e Luizas de Schepier lançando ao mundo os primeiros alvôres da creche. Até a patria terá ahí as suas vestaes, conservando aquelle fogo sagrado que é a alma dos povos e que irradia como um sol sobre as aras santas da historia.

E onde encontrará a mulher exemplo mais perfeito de nobreza e dignidade do que em Maria—livro d'ouro, onde as gerações têm bebido a largos sôrvos a luz fecundante que gera as virtudes?

Onde melhor fará ella o tirocinio do bem e da verdade do que no culto da Virgem—escola pratica da mulher por excellencia?

Se a donzella occulta seu diadema quebrado sob o scandal dignificante de esposa; se esposa lhe confere o ceo o titulo augusto de Mãe; se mãe, geme pensosamente sob o peso aspero das imposições domesticas... oh! não é Maria, a Mãe do Verbo, que lhe prescreve deveres e lhe santifica direitos?

Que perfumes de pureza e santidade não se exhalam das petalas avuladas da Rosa de Zabulon!

Que aromas de virtude e de carinho não se evolvam dos estames dourados do teribintho de Gaza!

Que energias de amor e de fé não se desatam das azas niveas da Pomba de Gabaal!

Imitemol-a, pois, com esperanza, e veneremol-a com respeito.

E já que estamos no mez de maio, o mez por excellencia das flores, respiguemos nos campos alguns lyrios e atiremol-os, n'um gesto de homenagem, aos seus pes.

Deixemos que o nosso espirito, irradiante de fé, suba até ás Alturas, onde Ella se nos mostra toda uma rosa em cada uma das suas bellezas, toda um mar em cada uma das suas graças, toda um astro em cada uma das suas glorias.

Ao cruzar o azul puro do ceo elle encontrará em cada estrellita uma vontade, em cada aragem um suspiro, em cada nuvem um sorriso.

Para os lados das ermidas coroadas de hera e perfumadas de incenso ouvem-se preces e escutam-se hymnos e do manto estrellado da Virgem desprendem-se luzes que illuminam tristezas e descem brisas que atagam alegrias.

Do alto das torres caem melodias espalhadas por anjos; e na linha dos horizontes agonisa a luz em quedas e desmaios.

Caninhemos até lá. E de olhos fitos no azul do ceo ajoelhemol todos sobre a terra e digamos todos com fé e amor — *Vive Maria*.

Paulo de Tharso.

A' NOITE

Eis-me a pensar, enquanto a noite envolve a terra:
Olhos fitos no vacuo, a amiga penna em pouso
Eis-me, pois, a pensar... De antro em antro, de serra
Em serra, echôa, longo, um requiem doloroso.

No alto uma estrellita triste as palpebras descerra,
Lançando, noite a dentro, o claro olhar piedoso.
A alma das sombras dorme, e pelos ares erra
Um morbido languor de calma e de repouso...

Em noite escura assim, de repouso e de calma
E' que a alma vive e a dor exulta, ambas unidas,
A alma cheia de dor, a dor tão cheia de alma...

E' que a alma se abandona ao sabor dos enganos,
Antegosando já chimeras presentidas
Que, mais tarde, hão de vir com o decorrer dos annos.

Francisca Julia da Silva.



AVE MARIA

Tarde de Agosto. Ao longe, o horizonte escurece,
na agonia do sol; e sobre a terra unigda
de tristeza se estende o crepusculo. Desce
silente a noite: cessa o bulicio da vida.

N'um morbido languor, toda a terra abatida,
Parece meditar; aos poucos se intristece
A humanidade. Paira em tudo a indefinida
mudez, e, em mysticismo envolta, sobe a prece.

Das nuvens através, a lua religiosa
espia. — Ha pelo espaço angustias de novado...
Ha saudades de amante ausente e lacrimosa...

E o «Angelus» austero, echôa compassado
como um dobre de morte: echoa... e, suspirosa,
minh'alma se ajoelha ante o altar do passado...

Ibrantina Cardona.

A MEU FILHO

(TRADUÇÃO DO ESPANHOL)

Tristes, eu contemplo a fiar,
calados os dois, vãos
Os dois soturnos e frios,
meu coração e meu lar.
Já tudo é luto e pesar,
tudo esperanças e flores,
que o anjo das cruzes dores
cobriu com a aza sombria
o berço em que hontem dormia
o filho de meus amores.

O passado a ver me ponho:
eu me mirava em seus olhos,
fugiam penas e abrolios
ante o seu rosto risinho.
Hoje parece de um sonho
pesadello que hontem traz:
bojo-lhe a palpebra entre ais,
chamo-o, todo em ancia louca,
mas não sorri sua bocca
nem seus olhos brilham mais.

Com infinita ternura,
beijando a fronte a esse anjinho,
mil vezes quiz meu carinho
ler sua sorte futura,
Formosa e rica em ventura
se lhe fingia em amor.
Quem lá pensar, ó dor,
que da existencia o mysterio
fosse o torvo cemiterio
para a sua vida em flor!

Uma noite de repente,
traidor, o cruz o alquebranta,
enroscou-se-lhe á garganta
qual constrictora serpente.
Em sua fronte innocente
medonha angustia se estampa,
Na garganta o mal acampa
e, como mortal barço
esse suffocante laço
leva-o, arrasta-o á fria campa.

Como um dobre a funeral
(estou cansado de ouvir-o!)
sempre o angustioso sibilo
dessa asphyxia mortal,
como um agudo punhal
de folha acedida e fria,
rasgando minha alma eu via,
esse indescriptivel echo
dessa tosse de agonía.

Presente está a toda hora,
quer quando lhe fuge o alento,
quer quando, rude e violento,
se agita e, convulso, chora.
A morte já o devara,
e, no olhar de chamma intensa,
em que nessa hora condensa
todo o seu fulgor de vida,
breve adeus de despedida
dá-me com tristeza immensa!

Não entendo, filho meu,
porque mysterio terrível,
de algum destino inflexível,
tu vales, ficando aqui eu!
Para solt're, só me deu
tão duros transeos o fado,
quando a ti, mal era nada,
da aurora o primeiro brilho
vem envolver-te meu filho
da morte o manto pesado!

Porque foi que o furacão
surgiu com tremendo ronco,
respeitando annoso tronco,
e folhas, flores se vão:
Pra que na terra inda estão
segundo invios trilhios,
presos da dor os colmillos,
os pobres paes, quando a sorte,
lhes feteu a alma de morte,
carregando-lhes os filhos?

C'oa risonha primavera
as folhas á arvore tornam;
voltam as flores e adornam
o prado que feneceira.
Ai! si tambem renasceira
toda a ventura perdida!
Mas quem já tornou á vida
depois do que a morte faz:
Quem a meus braços te traz
Outra vez, prenda querida?

Ditoso de quem ignora
o crudelissimo dolo
do paé, que sem mais consolo,
no tumulto o filho chora!
Triste desse a quem devora
mortal desesperação,
porque murchando em boião,
perdeu a illusão querida,
os filhos, luz desta vida,
pedaços do coração!

Mas si a sorte, filho meu,
estas fezes de amargura
que o labio, a tremer, apura,
te dera, como me deu;
si o vacuo que, torna atthen,
sentiras, como experimento,
e em ti cravara o tormento
as suas garras nefastas...
Ditoso tu que te afastas
do valle do soltrimento!

Si tu tivesses, talvez,
do deserto atravessar,
sem vida para esperar,
ensanguentados os pés;
si ante esse torvo revez,
fosses ter ao precipicio
do mal o crime e o vicio
manchar-te-lam, flor mimosa!...
Bem haja morte piedosa,
num horrivel sacrificio!

Bem hajás tu, que entre flores,
repousas em doce calma,
sem que te ferisses alma
cruéis espinhos de dores!...
Qual terno canto de amores,
qual suavissima essencia,
evolou-se-te a existencia,
de archanjos por entre as alas,
levando intactas as galas
de tua pura innocencia!

Adeus! A chorar, ja cerra
teus olhos a mãe bem triste,
mãe que á dor já não resiste,
que um mundo de amor encerra!
Infeliz, vou pela terra
pisando sarças e abrolios,
sem ter talvez quem meus olhos
cerre á hora em que eu succumba,
nem chore por sobre a tumba
sem fingimento e refohos!

Rio - Abril - 1917

RICARDO BARBOSA

A MODA

Costumes *tailleurs*

Cada vez mais se aproxima o inverno! Vê-se em todas as casas de modas liquidações de tecidos leves, grandes exposições de fazendas de lã, fazendas pesadas, tudo annunciando tempo frio enfarruscado. Seguindo este exemplo vou tratar também do inverno, das toilettes de inverno, que este anno serão os vestidos directos de uma peça só! Nada mais seductor, mais elegante que esses vestidos de sarje, de jersey, ou de burella. Nós os encontramos não só harmoniosos, como praticos, e os *tailleurs* tem de se sujeitar a esta predilecção. Eis aqui, pois, nossa literatura usando um novo vocabulo, e nós dotadas de uma phantasia nova: o vestido *tailleur*...

E' um vestido? E' manteeau?... Parece as duas coisas. Tem aspecto de "manteau" quando com sua golla de pelles, seu grande collete com reverso, ou de bolero curto que parece solto da saia quando se observa de frente, mas forma uma só peça quando se vê pelas costas. Este inverno elle apparecerá.



Ultimos modelos da Saison.



Um modelo bonito de vestido-tailleur: Sobre a saia de burella, cor de vinagre escuro, calhe um longo collete de gamo da Suecia, que forma a frente do corpo... Este que termina atraz por uma cintura pespontada, volta para a frente com duas tiras sobre a saia, moldurando o collete de pelle. Uma grande golla e punhos de lontra completam a toilette.

Vemos muitos *tailleurs* guarnecidos com setim e a suprema elegancia consiste nas linhas pespontadas que lhe dão um aspecto de "alcochoados".

Todas as grandes casas adoptaram esta phantasia com os requintes dos desenhos ineditos. Os pespontos não são feitos em linha recta, mas formando rosas, entrecruzados, verdadeiros motivos de bordado.

Vi um paletot comprido de setim preto, que tinha a barra toda pespontada; um *tailleur*, cujos reversos estavam cobertos de pespontos. E' evidentemente a nota chic para o momento presente.

Nos velludos os pespontos não são muito usados, principalmente nos velludos de pello em pe, neste caso vêm-se pespontos metallicos, ou de cores vivas. Jas quaes o brilho consegue attenuar a cor e lhe dar um aspecto encantador. Uma larga tira de pespontos prateados em um vestido de velludo *faux*, forma uma guarnição nova e original.

Ha emmim uma grande variedade nas modas actuaes, para contentar a todos: o essencial é saber adoptar a moda á sua linha pessoal. As senhoras altas e elegantes gostarão de usar as jaquetas compridas, os grandes colletes cahindo ao longo da saia... as senhoras de talhe mediano serão encantadoras, nos seus vestidos directos tufados nas cadeiras como tenho visto em casa dos melhores costureiros.

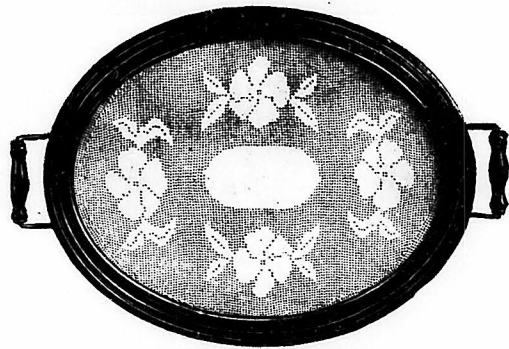
O mais difficil não é escolher, uma moda, é saber se ella nos vae bem, e saber trazel-a, sem exagerar.

Marinette

TRABALHOS FEMININOS



maneira de forrar os frascos para perfumes. O modelo é feito de crochet forrado com seda cor de rosa claro. A fita para o laço deve ser n. 18 e da mesma cor do forro.



Bandeja grande de lindíssimo efeito. A moldura de mogano forma um conjunto muito mimoso com o fundo cor de rosa, de um rico desenho de filé e crochet. A renda oval é presa ao centro por uma elipse de linho branco.



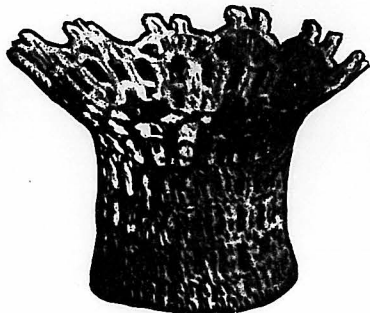
Este pequeno "panneau" de ponto cruzado representa uma aldeia hollandeza e forma um lindo "pendant" com o outro desenho que figura um pescador.



Tanto um como o outro trabalho deve ser bordado com linho um pouco grosso e cercado por uma ligeira renda de crochet. Ambos os *panneaux* medem nove polegadas, em quadrado, e podem empregar-se para diversos fins à vontade de uma dona de casa, caprichosa e de bom gosto.

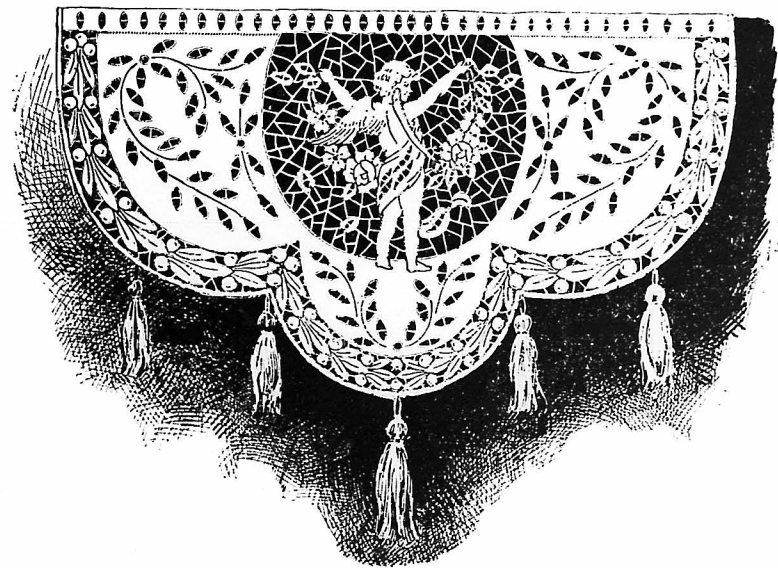


Um outro lindo modelo de cesta de costura, feito com raffia (vide nosso numero de janeiro, trabalhos de raffia, e coberto, a seda.

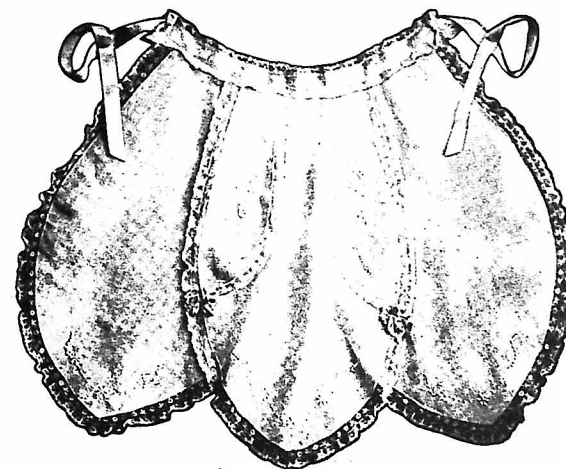


Cestinha em crochet. Bolsa de costura, de fitas. Embaixo, uma linda almofada. Uma toalha de chá. Um outro modelo de cesta

Cestinha de crochet ou quebra-luz para um lampeão.

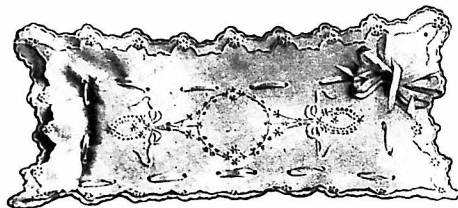


Lameira com bordado. Renda. 1.º e 2.º modelos de renda.



Original modelo para avó. — Hoje faz parte da toilette a cesta de dois lados, sem costura, feita com capricho, e que lhe dá um certo encanto, neste caso está a possuir a cesta, feita de um tecido, adornada com grandes colares de lã.

TRABALHOS DE UTILIDADE E BELLEZA
ULTIMA NOVIDADE



Prega-leira para toucador elegante feito em cambraia de linho e bordado inglês.



Enfeite para toilette.

Este modelo é feito sobre um vaso de crystal, confeccionado com fitas franzidas para formar uma rosa com quatro pétalas.



Bolsa muito pratica para guardar chinellos. Pode ser feita de seda ou mais praticamente em linho adornado com macramé, trabalho que ensinamos em numeros passados.



Abat-jour.

É um lindo modelo o deste abat-jour. Faz-se de seda rosa, azul ou verde claro conforme a cor dos reposteiros e tapeçarias, pode ser pintado a aquarella ou gouache. Um pequeno folho cor de ouro arremata as beiras do abat-jour.



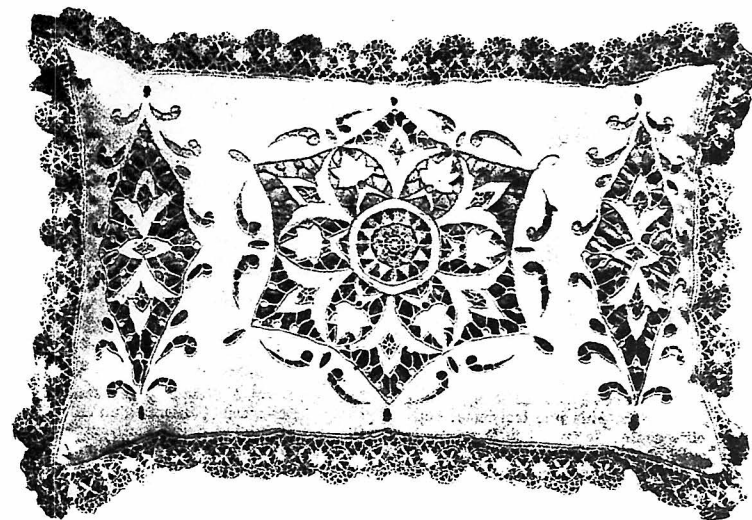
Linda bolsa feita de seda rosa bordada a prata.



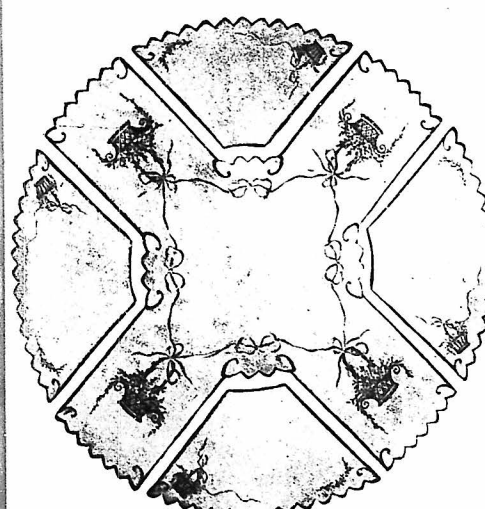
Almofadão. Ha sempre applicação para os amofadões na saleta de descanso, mas estas devem ser praticas. O modelo que damos neste numero é feito de seda franzido na parte superior formando fôfos tendo o centro pintado ou bordado conforme o gosto.



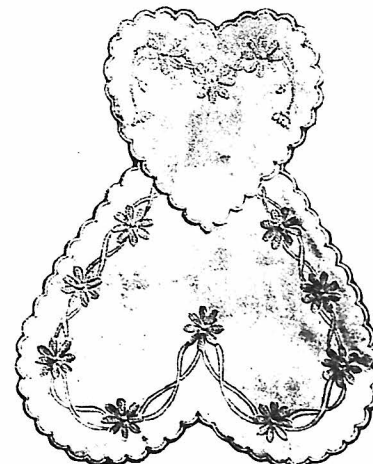
Original porta-joias feito de fita de seda azul ou rosa, tendo no fundo um espelho.



Almofadão ornado de Richelieu. Batiste, 55 cent. x 35. Ornado de 3 motivos Richelieu. Todas as bridas festonees. Na extremidade dos desenhos alguns pequenos motivos são de bordado inglês. No centro do motivo principal, um motivo de Veneza de 6 cent. de diametro. O almofadão é montado como fronha, com botões e cercado de uma renda de fio montada sobre lingerie.



Delicado e elegante jogo para lunch, com um precioso bordado em cores azul, rosa, verde e castanho, e um ligeiro toque de lilaz e esmeralda. O adorno floral consiste em ramos de nós francezes com pontos plano e de contorno para as cestinhas e folhas



Um avental lindissimo e gracioso que toda e qualquer moça pode confeccionar par seu uso ou para oferecer a uma amiga. O avental é feito de flanela branca, bordado com flores azues de margaridas. O bordado á pespontado nos contornos, seguindo a mesma linha, a soutache e as flores são travadas com pequenos laços e nós de ponto francez, nos centros das pétalas.

Outra iniciativa da nossa Revista

A *Revista Feminina* resolveu estabelecer, junto do seu escriptorio, aproveitando uma das boas salas em que presentemente se acha installada, um curso de pintura, modelagem, trabalhos em *repoussé* sobre estanho e outras prendas de alta educação para senhoras. Não olhamos a dificuldades e despesas, proporcionando ás senhoras e senhoritas que nos honram com a sua amizade e sympathia, bem como a todas aquellas que nos honram com a sua visita este meio de desenvolverem as suas faculdades artisticas, que além de lhes empregarem utilmente o tempo, em circumstancias occasionaes, lhes pode grangear pequenos recursos, nunca desprezíveis, para uma dona de casa, para uma boa filha, ou para uma boa irman.

Julgamos ampliar, por este modo, o raio de acção que nos propuzemos, desdobrando methodicamente o programma que nos traçamos e que tem merecido o apoio de todas as pessoas que se têm dignado amparar as nossas iniciativas.

Quem sabe até onde irá a exposição de trabalhos femininos que já aqui estabelecemos com exito tão surpreendente? Quem sabe, da mesma forma, o que poderá sair desta outra tentativa que decidimos levar avante? Ella muito bem pode e ha de converter-se numa verdadeira escola de cultura e arte, de que todas as senhoras e senhoritas colherão resultados magníficos e directamente práticos. Ha tantas aptidões que se podem ou que, no isolamento, definham, por falta de animação, de conforto espirital, de encaminhamento positivo, de possibilidades faceis alias de se obter, com pouco de boa vontade e com um ligeiro impulso de energia.

Fiel ao seu programma, a *Revista Feminina* pretende ser útil ainda sob essa forma e facilitar o apprendizado artistico de todas as senhoras e senhoritas que desejem sinceramente trabalhar e instruir-se.

Contamos desde já com o concurso de excellentes professoras, altamente reputadas pelos seus trabalhos e pela sua illustrada competencia profissional, por isso desde já accetamos a inscricção das nossas leitoras da Capital que não devem demorar em nos transmitir as suas adhesões para regularmos e dispormos os cursos.

Crêmos que terá o acolhimento benevolento de sempre esta nossa iniciativa que ampliaremos e havemos de melhorar com o tempo. Ella é filha do bom desejo de servir as nossas gentiliísimas patriotas, elevando, a dignidade da mulher, a altura sempre cada vez mais luminosa e triumphante, que ella, por direito, ha de conquistar.

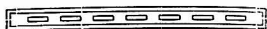
Crepusculo

Cahia languidamente a mais bella tarde que imaginar se possa. No céu de azul intenso - havia um esplendor de luzes, que produziam as mais graciosas cambiantes. Não ha pena, não ha pincel, não existe imaginação capaz de reproduzir a belleza que se espalha pelo céu e sobre a terra numa formosa tarde. Sente-se a aproximação viva e forte de uma Força superior, que aprisiona em vinculos de mysteriosas bellezas, e faz curvar numa adoração inevitavel a Alma humana.

Ao longe, sobre planícies verdes, dardejavam os ultimos lampejos daquelle pintura divina, que engalanava a Natureza como quem enfeita uma noiva gentil. Uma larga faixa d'ouro cingia o horizonte, derramando todo aquelle pó dourado sobre o magestoso azul do céu. Ao sul, nuvens algodoadas e tão brancas que feriam a vista, ficavam agglomeradas, immoveis, parecendo de longe, uma immensa cidade toda de marfim e luz. Havia pelo ar, um perfume languido de magnolias abertas, e pelo chão papoulas rubras e cor de rosa bordavam o tapete de verdura que se estendia aveludado, faiscante, ao derradeiro raio de sol. Uma casinha branca, recebia em cheio todo o ouro que o sol meigamente lhe mandava, n'uma despedida affectuosa; e ao redor havia uma solenne paz religiosa e serena, como si todos os seres se recolhessem numa contemplação muda, ante o bello astro que desaparecia. Uma nuvem d'ouro, perdida no azul, reflectia o ultimo raio de sol e a tarde envolvia numa bella tristeza, languescia lentamente. A estrada que se perdia ao longe, tipava uns tons de rosa pallido e ia docemente se esconder na matta enorme, que abria uma escura mancha, no céu claro. O sol desceu suavemente e logo uma explosão de ouro, surgiu pelo espaço todo, arrastando uma luz feérica pelas relvas macias, escovandoa em pulverisações douradas pelas folhas verdes, alcançando as nuvens altas, que reluziam como palacios de marfim e ouro. Incendiou-se o firmamento, numa luz intensa e viva que brilhou por algum tempo; depois diminuindo a intensidade do seu brilho, se transformou numa aureola cor de rosa, que foi diluindo como véos pelo espaço, até ficar apenas um fino aro de ouro, limitando o horizonte. A mão augusta do Divino Mestre, transformou ainda a paisagem soberba, e sobre o céu pallido e languido se desmanchou em franjas de purpura, a ultima luz crepuscular. E descia em laivos vermelhos e roxeados, como sangue a sahir duma grande ferida aberta, e ia até as nuvens mais afastadas tingindo-as também de sangue, gotejando, pelo céu pallidissimo. Houve um longo desmaio, e nuvens, flores e campos empallideceram. Uma serena languidez passou com a brisa, fallando ao coração, como uma saudade viva. Man-

samente, deliciosamente, numa paz tranquilla, a natureza adormeceu. Uma aza forte cortou o espaço e o rumor foi perder-se ao longe. Uma bella estrela tremeluzia e brilhava no alto, solenne como uma deusa e pura como uma santa!

Climène Duval Baroni.



VIOLETAS

Eduard Carmilo

Não é um raio de sol que acorda os meus olhos, não é um gorgoejo canoro que desperta os meus ouvidos, é um ramo de violetas singelas, azues ou roxas, azues como a lembrança de uma pupilla azul, roxas como olheiras maguadas.

Todos os dias, ainda humidas de orvalho, são essas corollas humilides que, com o balbuciar tenuissimo do seu aroma, annunciam na minha camera pobre a alleluia da alvorada.

Tão matinaes, essas violetas devem ser cultivadas por uma jardineira madrugadora como um ninho. Não sei em que jardim florescem, não sei que delicadas mãos as tratam. Ha já bem uma primavera inteira que ellas vêm perfumar a minha cabeceira.

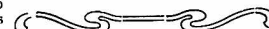
E' um mysterio... Talvez seja o começo de um romance.

Que mãos brancas e piedosas tecerão este ramo de violetas? Qual será o coração, cheio da pureza de um sonho, que m'as envia? Quem será essa mulher? Sonho com os seus cabellos loiros, fantasio a cor dos seus olhos carinhosos, advinho a felicidade do seu segredo...

Para mandar-me, tão cedo, essas violetas, certo, essa mulher toda a noite pensa em mim. Chego a meditar, muita vez, que na manhã em que não me acordar, entre as mãos postas, sobre o peito, levarei um ramo de violetas.

O mais singular, não é a fantasia que ellas me inspiram, nem a embriaguez que me transmittem, o mais singular, o mais estranho — é que eu amo essa mulher!

(Para a Revista Feminina)



ARTE DECORATIVA

A composição deste desenho presta-se perfeitamente para uma almofada de veludo, podendo ser executada em pyrogravura, pintura e frappé. O desenho deve estar passado em papel vegetal, a tinta, e collocado no avesso do veludo; este segura-se com punaises nos caixilhos d'uma vidraça, e com lapis bem aparado vae-se passando o desenho para o veludo.

Dá-se começo á pyrogravura, prendendo o veludo a uma prancheta de madeira, por meio de punaises. Põe-se o aparelho da pyrogravura a funcionar, e com a ponta de platina incandescente, queimam-se os contornos do desenho e fazem-se as sombras.

Para que o colorido fique mais leve, a pintura deve ser feita pelo avesso, com tintas liquidas, que sejam das da marca *Artisan Fratrique, Lefranc* ou das tintas indeleveis marca *Pélikan*. Usa-se um pincel de cerda, redondo, n.º 2. As flores pintam-se com vermelho, que do lado do direito dá um tom cor de rosa, muito delicado. No olhoso da flor põe-se uma pintasinha de tinta amarella: os pistilos ficaram feitos com a pyrogravura.

Os troncos pintam-se num tom acastanhado, e a folhagem em verde amarelado. Deve juntar-se sempre bastante tinta amarella á tinta verde pois que es-



Desenho para uma almofada

ta cor, nas tintas liquidas, é sempre muito berrante, e a tinta amarella modifica-a.

A cabeça não se pinta: o fundo sobre que ella assenta é que tem nos malmequeres um leve amarelado. Os passaros que formam a rodella são pintados em castanho. A borboleta que enloda o direito dá um tom cor de rosa, muito delicado. No olhoso da flor põe-se uma pintasinha de tinta amarella: os pistilos ficaram feitos com a pyrogravura.

Tendo o trabalho da pintura concluido e secco, passa-se ao *frappé*, que é, bem entendido, feito pelo direito do veludo. Tornamos a utilisar-nos do aparelho da pyrogravura, applicando o pyro-modelador a ponta de platina; incandescendo-se esta, bastamente, e faz-se o *frappé* assentan-

do o pyro-modelador com a parte lisa sobre o veludo e carregase para lhe abaixar bem a rama, isto nas petalas das flores, conduzindo o pyro-modelador da borda das petalas para o centro. Na folhagem, nas partes mais claras e sempre no sentido dos veios. Nos troncos também se procura fazer o *frappé* nos pontos onde ha luz. Os malmequeres do fundo da rodella tem o *frappé* marcando todas as petalas.

Da figura só os cabellos levemente *frappé*, trabalhando com o pyro-modelador sempre no sentido do correr das madeixas.

A borboleta também tem *frappé* nas azas, sempre indo das bordas para o centro.

E' uma obra muito delicada esta capa para livro de missa em couro *repoussé*, escolhendo-se para ella uma bonita pelle cincenta. Nenhuma outra qualidade de pelle se presta tão bem para o trabalho do relevo como a vitella franceza lisa.

A pelle deve ser trabalhada sempre humida, para facilitar amodelação.

N'esta capa de livro e relevo é feito só nas flores.

O resto da ornamentação é simplesmente gravado e amarelado com o *matoir griseur* nas partes que fazem de fundo as cruzes.

Os ferros necessarios para este trabalho são; traçador, bola oval, modelador e *matoir griseur*.



Capa para livro de missa em couro repoussé

A. P. de Sports Athleticos FOOT-BALL

Teve início no dia 25 de fevereiro o primeiro match official de foot-ball de 1917. Este jogo foi inter-estadual, tendo como contendores o America do Rio e o Ypiranga d'aqui. Ha muito tempo que não nos dava o "ar de sua graça" uma equipe do Rio, mas pelo que parece este anno não teremos que nos zangar por isso. E para panno de amostra ca tivemos o campeão do Rio de 1916.

Antes de descrevermos o que foi o match, vamos dar aos nossos queridos leitores uma nota a respeito do America.

Pelo resultado do match — que foi empate horroso para o team local — que na temporada passada tirou o terceiro lugar, já vemos que a equipe da Metropolitana não era nenhum papão e que se o velho Paulistano tivesse se batido para a detenção da decantada Taça "Johann", estamos certos que ella não ficaria no Rio, como ficou. Se tocamos neste antipático assumpto, é porque, com tristeza, sabemos que ao lado desse tropeço se acha na sua sede um certaz escripto com palavras lógicas, deatando uma victoria, que a nosso ver não foi mais que um presente feito pelo sempre gentil Paulistano.

Mas vamos pôr uma pedra sobre essas pequeninas cousas e entremos a descrever o que foi a pugna do dia 25.

Os amares deste bello sport tiveram um dia cheio. O dia, radioso de sol, convidava para uma festa como esta. Muitos antes da hora mancha lá já as arquibancadas e demais localidades do Club da Floresta apresentavam um espectáculo brilhante e do que ha de chic em S. Paulo. Para contrabalançar o numero grupo de torcedores que acompanhavam o America, lá estavam a postos os admiradores feras do Ypiranga. As dezesseis e vinte teve início a peleja sob as vistas do sr. Felix Frias, director sportivo do "Palmeiras". Juiz escalado para tão electrizante beta. De passagem devemos dizer que, apesar de um empate, a equipe preto e branco dominou o seu adversario desde o começo ate o fim. E si não fora a maneira admirável com que agiu o keeper Cardoso do America, depois de um bombardeio em goal de Cardoso, Oscar do team visitante conseguiu apanhar a bola e dirigindo-se para o posto de Bendix, com maxima velocidade e agilidade shoota, marcando o primeiro ponto para o seu Club.

Depois de passado o susto, volta a calma no campo do Ypiranga e a serenidade ao seus torcedores. Dionisio tem occasião de dar um bello shoot e Cardoso de fazer uma bella defesa, atirando-se ao chão. Pouco depois deste feito, ainda o venturoso team carioca galgou com mais um ponto pela deusa "Fortuna", que sempre sorridente lhe acenava uma palma tão almejada.

Agora chega a vez do Ypiranga tambem ver cortado de melhor exito os seus esforços. E' Formiga que, depois de driblar com toda a facilidade a defesa antagonista, marca de longe o primeiro ponto para o seu quadro. Pouco faltava para o juiz dar por terminado o primeiro

tempo, quando Estrella intelligentemente passa a bola a Nico, que, com um certeiro e forte shoot, marca o segundo ponto.

Depois desse feito, os sorrisos e esperanças voltam a animar as phisionomias tristonhas e carregadas dos nossos torcedores.

Minutos depois o Juiz dava signal de terminado o primeiro tempo. Após o intervalo regulamentar o team local continuou a manter visível superioridade sobre o seu adversario. Paranhos do America faz o terceiro ponto para os Cariocas. A luta continúa ardorosa, Jacyntho do Ypiranga deixa a liga contundido, sem por fim desanimar os Ypiranguistas, que por fim vem o seu Formiga querido animar com seus feitos os mais descrentes da victoria. E' assim que Dionisio logra desfezer com brilhantismo a diferença conquistando com maestria o terceiro goal para S. Paulo, trazendo para seu Club um tão honroso empate.

Assim terminou a tão emocionante peleja. Parabens as duas equipes, que souberam se portar com cavalheirismo e acatamento as decisões do Juiz, apesar dos pesares...

Dia 8.

Iniciaram-se no dia 8 os primeiros matches da Associação: Palmeiras contra S. Bento, no campo da Floresta, e Corinthians versus Ypiranga, na Antartica.

Antes, antes de mais nada, pedir a attenção dos dirigentes do nosso querido sport sobre um certo numero de torcedores de alguns Clubs, que ainda não conseguiram adquirir educação sportiva, tão necessaria, mormente quando em presença de senhoras.

A Directoria da Associação deve usar da maxima energia, expulsando do recinto esse elemento tão nocivo para o bem do sport e da tranquillidade de quem vae se divertir. Ainda bem não começou a temporada, já tivemos varias scenas educantes na Antartica e se não fosse um official de Policia, que lá estava não em serviço de seu cargo, mas para somente se deleitar, teria havido talvez troca de murros e bengaladas.

Com elementos heterogeneos, é de presumir que nem sempre lá um outro torcedor entusiasta saia guardar uma compostura.

Falemos agora alguma coisa dos emcontros.

Para estréia não fomos felizes devido a abundante chuva, que cabiu ininterruptamente durante os matches. Os campos ficaram em estado deploravel. Começamos pelo match da Floresta. Os teams, que se combatiam em forças, preparo e destreza, não puderam demonstrar todos os seus recursos de agilidade e boa escola, e por isso, os adversarios não puderam electrizar a assistência com suas avançadas arrojadas e defesas empolgantes. Cremos que nenhuma das equipes desceia a victoria e dahi talvez o empate de dois a dois: resultado imprevisito por todos que acompanhavam o movimento sportivo. Podemos dizer que o jogo esteve igual e a

sorte se abandonava ora a um, logo o batia. Deixaremos para o segundo encontro qual a nossa opinião sobre a superioridade de um ou outro team. A respeito do encontro da Antartica, diremos que foi melhor e mais movimentado e se o Ypiranga tivesse um pouco mais de chance teria vencido o campeão de 1916 da extinta Liga Paulista. Apesar do campo tambem estar em pessimas condições para este genero de sport, ainda não foi de todo má a zero, vencendo o Corinthians. O ponto da victoria foi feito no primeiro tempo devido a um furo d'um back, que escurregou na porta do goal. Os Ypiranguistas no segundo tempo por duas ou tres vezes perderam occasiões magnificas de abrir score para seu club, mas... a sorte não lhes foi propicia.

No dia 15 deviam se bater na Antartica o Germania contra o Mackenzie e, no campo das margens de Tietê, o Paulistano e o Santos F. C. — O primeiro não se realizou devido a o Germania ter pedido à Associação uma licença por tempo indeterminado. O encontro do Paulistano e Santos foi apreciado por enorme multidão que enchia literalmente as archibancadas e os lugares reservados às geras estavam repletos de espectadores. Serviu de Juiz o sr. Lagrega, que entrou em campo acompanhado das duas equipes contendoras e às 16 horas deu início ao jogo. Este, em si este esteve bom de parte a parte, havendo lances magníficos e muito torcimento. O Paulistano e que continua com o seu insepavel azar e se não fosse tão detestavel companheiro o team alvi-rubro teria ganho pelo menos por uma diferença de tres pontos. Houve empate de um a um e, antes assim: dos males o menor...

Mário de Andrade em bello estilo conseguiu fazer o goal para o seu team. E' no segundo tempo que o Santos consegue empatar a contenda, ou, por outra, é o Paulistano, que, com seu insepavel azar faz o ponto para o Santos, tendo como causador desse feito Benedicto. Alem disso, ainda o Paulistano teve a lastimara retirada de Orlando, machucado na luta e assim desfilado teve de jogar o resto do tempo com só onze jogadores.

D'Artagnan

AU PALAIS ROYAL

Entre as muitas casas de modas que S. Paulo se orgulha de possuir o *Palais Royal* salienta-se por todos os motivos. Estabelecimento de gloriosas tradições, acreditadissimo, modelo de administração e superiormente dirigido, elle tem acompanhado o desenvolvimento da cidade, alvo constante da preferência de todos, zeloso sempre modéstico e discrição na escolha dos seus artigos e dos seus modelos.

Agora o acreditado estabelecimento da rua de S. Bento acaba de passar por grandes reformas que o remaçarão por completo, como um aristocratico palácio, plattado com arte e restaurado com esmero. Mas este aspecto de forte modernidade só faz sobressair mais, como numa rica mansão de outros tempos, as qualidades que sempre, o distinguiram, que fizeram a sua prosperidade e lhe firmaram a reputação de casa de primeira ordem. Presentemente, o *Palais Royal* enfileira ao lado dos melhores estabelecimentos no genero e continuará, sem duvida, a merecer as sympathias universaes que tem conquistado, aumentando ainda o numero, já avultado, dos seus clientes que são todas as pessoas ade bem gosto.



EM materia de educação ha dous lugares communs que, para ser justos, não são menos repizados, e podem ser evitados por nossas leitoras, tanto mais que elles servem, muitas vezes, de pretexto a exaggeração de methodos e de preconceitos.

Por este motivo ouve-se repetir continuamente que a educação começa no berço. Este axioma é verdadeiro, si se considera como uma questão de educação, recusar a uma criança o que lhe é nocivo, ou de não se prestar a caprichos estúpidos. Mas como os radicinhos não su perfluos junto de bebês, usasse muitas vezes para com elles de uma severidade... material, e fica-se penalizado por vêr certos paes começar desde o berço o ensinamento pelos mesmos meios coercitivos que elles empregariam para com um cachorinho, pretendendo regular seus movimentos, seus gritos, seus sofrimentos.

Entretanto é necessario comprehendere as crianças e agir sempre razoavelmente junto d'ellas, e afim de que no momento em que sua consciencia desperte, ellas se encontrem em presença de uma regra, e que com as ideias n'ellas nascidas apropriem a sua idade o sentimento do dever. Si se está acostumado a ceder a seus caprichos inconscientes, se encontrará desarmado deante das vontades nascentes.

Não se deve empregar a severidade, nem ser inflexivel, mantendo a infancia em um torrilho de ferro, recusando-lhe, a pretexto de disciplina, as alegrias innocentes e a liberdade razoavel. Mas ha um limite nessa ternura e está nisto o proveito da criança. Si se o ultrapassa del-

xa de ser ternura para ser fraqueza, e faz-se mal ao ente que se pretendia favorecer.

Conheci uma menina que tinha a mania de beliscar. Por extravagante que isto pareça era para ella de real prazer. E pa recia inverosimil que sua mãe se mostrasse cheia de compiacencia por tão singular maldade, achando natural que a filha mais velha se deixasse beliscar, e consolando a maldosa pequena da resistencia encontrada a sua inclinação malfazeja.

Diz-se-a que se tinha começado cedo esta educação:

Em que idade se pôde despertar a consciencia de uma criança? Não o sabemos e muitas vezes isto varia segundo as naturaezas; mas do que podemos estar seguros, é que a noção do bem e do mal penetra nella sob a forma de impressão muito mais cedo do que geralmente se acredita.

E' por isto que neste momento incerto ella deve comprehendere, confusamente, a principio, depois, mais distintamente, que a sua mãe, que a ama e que a torna feliz, pôde ser inflexivel, que aquillo que ella exige deve ser cumprido.

Se não estamos preparados para este papel, chegará o dia em que esta repressão se imporia, em face de um orgulho que não aprendeu a ser curvado, de um amor proprio que se exasperará a menor picadura de uma sensibilidade que totalmente conduzida, tornar se á doentia e ridicula.

O ser moral não se forma por si só. E' indispensavel reprimir seus primeiros desvios, dirigir suas tendencias desde o momento em que ellas se manifestam; tudo isto se faz sem que a criança sofra e seja irritada

uma vez que as mãos que a conduzem sejam prudentes.

Si se a toma em pequenina, si se lhe traçam, desde o momento em que ella comprehende, as linhas das quaes não se deve apartar, ella não experimentará diante de uma observação esta especie de revolta na qual entra uma surpresa um tanto explicavel.

Entim si se deixa caminhar sósinha esta criança, no temor de a fazer chorar, despertar sua coileira ou seu mau humor, si se supporta sem nada dizer seus defeitos, ella que é muito perspicaz, quer seja por raciocinio ou por instincto, comprehenderá que fez mal, mas tambem comprehendere que tolera tudo. Não seis para ella a incarnação da regra, do bem: ella vê a coisafraqueza, d'ella se aproveita, d'ella abusa. Mas a criança cresce e com ella seus defeitos. Aquillo que era graça e brejeirice em pequenina torna-se depois intoleravel. Chega um dia, em que enervada, aborrecida, mudas repentinamente a maneira de proceder: ralhães, punis, e então experimentareis uma admiração natural vendo vossas avertencias mal acolhidas.

Não abandonéis vossa tarefa. Se começais a ceder aos e prichos ainda instinctivos da criança, como teréis coragem de lhe resistir quando a fascinação de sua idade, ella ajuntar o atractivo da palavra, das caricias, da intelligencia? Se de verdadeiras mães: não se o somente no tempo da primeira infancia, nem tampouco somente de um corpo. E' preciso preparar a existencia, formar a alma, preparar lhe avenidas todas traçadas para o bem, fechando lhe os caminhos do mal.

(Continuação)

REUNIDOS

(HISTÓRIA)

NUMA noite de inverno em que a chuva, torrencial, num vento forte, caía em torrentes, os amigos, reunidos na biblioteca de um dos clubes mais frequentados de Lisboa, conversavam.

O assunto caíra sobre a fragilidade desse corpo ao qual chamamos vida, e a facilidade com que o espírito se desprende do corpo.

Uns afirmavam que o homem nunca morre de desgosto, outros que a dor moral às vezes mata. Muitas foram as opiniões e larga e demorada a discussão. Parecia que nada mais havia a dizer, quando notaram que num canto mal iluminado da sala estava assentado, escrevendo, um dos psicólogos mais famosos daquela época. Havia entrado, despercebido, quando todos estavam entretidos a conversar.

Permitam que eu leia algumas apontamentos que tomei enquanto discutiam, disse-lhe ao mesmo desobediência, e que lhe narre o que acabo de presenciar.

De boa vontade, dr. Oswald, exclamaram todos, enquanto se dispunham a ouvir.

Passou então o psicólogo a ler os seguintes dados:

1.º O homem não pode desligar o espírito do corpo sem que a dor do suicídio no passo que a *anulção* desliga pelo simples facto de não querer viver.

2.º Tanto o homem como a mulher podem deixar de existir quando decide a uma inmensa angústia mortal, perdendo o amor à vida.

3.º Si alguns moribundos por um supremo esforço da vontade tem conservado o espírito ligado ao corpo, ou para esperar a chegada de um ente querido e ausente, ou para confessar um crime e assim restituir a liberdade a um inocente, é claro que pela vontade também se pode deixar a alma sair do corpo.

4.º Quando prende nem desprende o espírito. Os casos que ouvimos contar de morrer de desgosto, ou de colar dos portais da morte, são criações dos romancistas, mas na vida actual não existem. Haverá quem acredite que a alma, acometida de moléstia mortal e desenganada por muitos médicos notáveis, se desloca e vai a esperanças e assim liberta-se da apatia que nuca a milhares forças. Deus nos creou um para outro, ao contrário aquela creatura aniquilada não se havia compreendido desde a primeira vez que nos vimos. Foi um amor ardente, nutrido, simultâneo.

5.º Aquelle que está prestes a morrer já não tem força de vontade, portanto não pode, por ella, conservar a alma presa ao corpo, porém a que verdadeiramente não tem mais interesse em viver, morre.

6.º Si o moribundo já não tem vontade, uma alma forte que o ama, estando junto sempre, poderá, por um *quero?* resultado a continuado, arrancá-lo das garras da morte.

7.º O homem não sucumbe às dores morais mas as dores phisicas matam-no. A *anulção*, de uma coragem sublime, quando *anulada* de *dores phisicas*, não resiste às dores.

8.º Nada adianta oppor uma vontade indomável contra o Anjo da Morte porque elle é invencível.

São essas algumas das opiniões que me foi possível apanhar, concluiu o dr. Oswald, e agora darei a minha que, devido a um incidente que presenciarei hoje, mudou radicalmente.

O psychólogo ficou immerso numa profunda e melancólica absorção e os amigos aguardavam com a mais viva curiosidade as palavras que lhe traziam esclarecimentos.

Homem de grande impossibilidade, desde os tempos em que estudava na Universidade fora conhecido pelo nome de *Eschaphé*. Que acontecimento o poderia ter transformado assim? Esperavam, dominados por uma inexplicável tristeza, ao contemplar aquelle extranho escamor, enquanto a chuva furiosa batia ligeiramente e incessante contra as vidraças. Por fim a tensão nervosa chegou a ponto de despertar o psychólogo, e elle recitou o fio da sua discussão.

Acabo de presenciar um facto que me impressionou por tão forma, continuou elle, que não só ter palavras adequadas para referir-lo, mas como vem justamente contra-

dizer as idéas predominantes a respeito da falta de sensibilidade no homem. Idéas que até hoje em partilhava - farei a narração como puder.

Venham le assistir á autopsia de um homem que morreu de desgosto. As provas estão num escripto que deixei, porém, para bem comprehender o alcance de suas palavras, referirei-lhes alguma coisa a respeito daquella que as escrevi, resumindo a história quanto me for possível, porém mesmo assim será um tanto longa? Querem ouvir?

A curiosidade de todos fôra já despertada pela extranha agitação do narrador e, como a tempestade ainda não havia cessado, disseram á uma: Queremos!

A primeira parte está encerrada numas cartas que me emprestou um amigo do infeliz morto. Eis-as: -

Caro Silveira: quero que venhas assistir ao acto que me vai tornar o ente mais feliz do universo.

Eu que dizia que ao medico basta a sciencia e que o amor não deve actuar entrada em seu coração, mudei completamente de parecer.

Depois que perdi meu pai, a quem devo o que tenho de forças intellectuaes, phisicas e moraes, o vazio que ficou em minha vida foi tal que julguei enlouquecer. A ti que por tantos annos conviveu comigo e nada disto da aflicção, da feição camarálogica que nos unia. Sabes que eu era o seu amado *Raul*, elle o meu idolatrado *Albino*.

O affecto do meu pai, era tão completo que nunca me faltaram os conselhos, as caricias, os discursos que as mães amorosas costumam prodigalizar aos seus fillos. (Deve não desconfiar, pagaste com a tua vida o preço da minha existência? Se o teu extremo esposo te sobreviver foi porque lhe implorei que visse para mim conduzir nos caminhos do bem o do altruísmo!)

Depois da desapparecimento daquella pobre creatura a quem tanto me orgulhava de chamar *pai*, debaixo do telhado continuei as minhas investigações scientificas: nada valia a pena, pois perderei o *quero?* que me animava a proseguir nas minhas pesquisas.

Cadê um profundo abatimento e estava prestes a me entregar á morte prematura, quando Deus ordenou que a mais castiga, a mais bella, a mais intelligente e a mais sympathica das creações divinas viesse em meu socorro. Vi *Hereyna*, e, vendida, assim para sempre.

Recomecei em mim a esperança e assim libertei-me da apatia que nuca a milhares forças. Deus nos creou um para outro, ao contrário aquella creatura aniquilada não se havia compreendido desde a primeira vez que nos vimos. Foi um amor ardente, nutrido, simultâneo.

Hereyna te considera como um irmão querido, apesar de não te conhecer ainda por retratos e pelas minhas divagações sobre a nossa antiga e inimitável amizade. Quer muito te conhecer pessoalmente. Assim aconteceu comigo, quanto a uma amiga de *Hereyna* *Marcia* - tenho por ella uma viva sympathia e espero vê-la dentro de poucos dias. *Hereyna* já fabricou um romance em que tu e *Marcia* ... fala tanto nisso que a sua idéa começa a me impressionar. Não quero propheticar, esperanças que se descorriem o futuro para conhecer os seus mysterios.

Sei que não me faltará no dia 17. Até lá.

Teu amigo

RAUL.

Caro Silveira: *Hereyna* e eu folgamos com a noticia do teu proximo casamento. Não te disse eu que nada ignora a felicidade daquelles que se amam, quando o destino os une? Sei que *Marcia* será para ti o que é para mim a minha amada *Hereyna* ... Suberás o que foi o *Eden*, comprehenderás os attrahentes daquella paraisio.

Lá se vão dois annos, desde que me casei, e cada dia me sinto mais feliz. O que é a mulher? temo esquecer, não posso me lembrar do tempo em que vivia só: *Hereyna* tem completado a minha vida.

Passamos os dias juntos, ella e eu: temos em voz alta e juntos apreciados o que ha de mais bello em literatura. Tem uma aptidão extraordinária para escrever e estamos collaborando numa obra scientific que deve nos trazer grande satisfação quando estiver completa. Deves lembrar-te da bella desceberia que fiz ha annos o segredo de en-

balsamar de modo que o corpo conserve a cor natural: pois estamos tratando disso; *Hereyna* mostra o maior interesse em ver a obra publicada porque está certa que será um consolo para muitos.

Aqui ninguém sabe que é formada na Escola de Medicina e extremam a nossa collaboração.

Não sei se a ama mais quando tratamos da sciencia ou quando está travessa e infantil. Divertese com tão pouco! Ora fala como um academico ora ri e brinca como uma criança. As vezes me prodigaliza caricias estorpidas, outros fica pensativa e tormenteiramente anodiando o meu cabello e me perguntando si algum dia amei a outra.

Sou feliz em poder dizer que tu, meu pai e ella são os unicos que habitarão que habitam e que hão de habitar no meu coração. Apesar da alegria infantil que muitas vezes me invade, é um grande arrimo para os doentes, os tristes, os velhos.

Que *Marcia* assim complete a tua felicidade e o desejo do teu amigo

RAUL.

Querida *Marcia*: Raul e eu ficamos contentissimos ao receber o telegrama que nos trouxe a boa nova da feliz chegada dos meus fillos e da tua chegada. Não posso mais agora quer o esquecer.

Então, ás mães! afinal está satisfeito o mais ardente desejo do teu coração! Raul e *Hereyna*! Que sejam felizes como Raul e eu temos sido!

Não podes então comprehender porque não quero ter fillos? Amo ao Raul tão apaixonadamente que não posso pensar em repetir esse affecto. Quero o tempo todo para estar perto dele. Si tivesse fillos, tornaria o meu grande parte do tempo que lhe consagro para tratar delles. O Raul enche o meu coração por tão forma que nada mais me falta.

Amãhã será o terceiro anniversario do nosso casamento e ainda não nos separamos por mais de meia hora. Os minutos que es-tou longe dele são de interminaveis saudades. Quando acordar tarde e elle já está trabalhando, calgo as saudades, mormente uma penitencia e via escada abaixo para ir abraçá-lo. Elle é tão bom, tão terno!

Em o ajudo no laboratório e também nas obras literarias. Diz que sou a sua mão direita em tempos de trabalho e a sua perpetua alegria.

Podes Raul não sabe que poucos dias me restam. Consulto com o dr. e elle confirmou as minhas suspeitas: si, restam me poucos dias.

Marcia, não sei se falo hereses, mas penso que não sei feliz no ego sem Raul. Affirma-se estar esperando a sua chegada com tal ansiedade que não poderei com-tar as lagrimas num lugar onde não ha dor!

Desde agora estou rogando ao Redemptor que não me chame muito tempo antes do Raul. Tenho pedido com tanta fe que o que Deus me attendera.

Envio-te uma carta que decorei entregando ao Raul, logo que os senhores que não existo mais aqui. Não te affligas, *Marcia*, existirei em outro lugar e o Raul não soffrerá muito, porque não me ha de esquecer.

Adem! Abraça-te a amiga

HERCYNA

(Conclue no proximo numero)

Ilustração de Liança.

REVISTA FEMININA

Tendo terminado o contracto que mantinhamos para o aluguel das salas occupadas pela nossa REVISTA na Rua Quinze de Novembro, em virtude do predo ter de ser demolido fomos obrigados a transferir o nosso escriptorio para a Praça Antonio Prado, palacete Bricola, onde occupamos tres salas magnificas, com muita luz, muito ar e liguagem em nossa exposição de trabalhos femininos ficarão mais bem dispostos e as nossas gentilissimas leitoras e visitantes encontrarão toda a commodidade e conforto.

O JARDIM DO REI

(PARABOLA)

PARA CRIANÇAS

Era uma vez um rei que, certa manha, teve o desejo de dar um passeio pelo jardim que rodeava o seu palacio.

Trazia, naturalmente, a sua corôa de ouro na cabeça aos hombros o seu manto de velludo carmesim, forrado de arminho; na mão direita o sceptro e, na esquerda, o seu cachimbo. O sceptro era de ouro maciço e no cachimbo luzia entalhado, um diamante, tamanho como o punho. Era o maior que se conhecia.

Viu o rei uma amendoeira florida e exclamou:

— Que roseira tão linda!

Todos os cortezaes que o rodeavam, deram a sua approvação, ás palavras do rei, com um murmurio respeitoso. Só o jardineiro se atreveu a objectar:

— Perdoe-me Vossa Magestade, porém, a não ser que Vossa Magestade disponha o contrario, aquillo não é uma roseira, senão uma amendoeira, em flor.

— Ah! estás bem certo do que affirmas?

— Certissimo, real senhor.

— E como é que conheces a differença entre as duas plantas?

— Em que, mais tarde, todas essas flores hão de converter-se em amendoas.

— E' curioso!... e as rosas em que se convertem?

— As rosas não se convertem em coisa alguma, real senhor! desfolham e desapparecem.

— Estás bem certo do que acabas de dizer-me?

— Certissimo, meu senhor.

— Pois, então, arranca-me todas as roseiras e, em logar dellas, planta amendoeiras. Não quero preguiçosos nos meus dominios...

Isto passava-se no inverno. Ao chegar a primavera, o rei, com a sua corôa de ouro na cabeça, o sceptro na mão direita e o cachimbo de brilhante, na esquerda, voltou a dar um passeio pelo seu jardim, quando de repente, encarándo com o jardineiro, disse:

— Colhe-me uma rosa; quero aspirar o seu doce perfume.

— Não ha rosas, meu senhor.

— E porque não ha rosas?

— Porque não ha roseiras. Vossa Magestade, ha de recordar-se de que me ordenou que as arrancasse todas, para em logar dellas plantar amendoeiras.

— E' certo. Traz-me pois, um ramo de amendoeira, em flor. Sem duvida o seu aroma deve egualar o da rosa se é que não o excede.

— Por muito que me pese, é de todo impossivel, comprazer com o desejo de Vossa Magestade, pois, actualmente, pingum seria capaz de encontrar uma flor de amendoeira, pelos olhos da cara.

— Como não? Bem vejo, alli, em baixo, umas plantas carregadas de flores.

— São margaridas, senhor.

— Sim? Ora essa! Pois, arranca-me todas as amendoeiras e substitue-as por margaridas. Já sabes que, nos meus dominios, não quero preguiçosos.

E chegou o verão.

Ao cair da tarde, de certo dia, de muito calor, saiu o rei a respirar o ar puro do seu jardim. Sentou-se á beira de uma fonte, olhou para um e outro lado, e exclamou, de subito:



— Onde estão as margaridas?... Jardineiro! por que não vejo uma só margarida?

— Porque, faz tempo já, todas se exgotaram.

— Porquê? Por ventura se exgotou essa que, tão ufana, se ergue aqui, no centro deste pequeno tanque?

— Essa planta, real senhor, não é margarida nenhuma, a menos que Vossa Magestade, ordene o contrario. E' um lilio d'agua... de ferro torjado, pintado e envernizado...

— E essa flor não se exgota nunca?

— Nunca, meu sanho. Basta, quando a agua, a enegrece muito, tornar a pinta-la e dar-lhe uma nova mão de verniz.

— Pois, arranca-me tudo quanto ha no jardim, e planta lyrios de ferro.

— Devo advertir a Vossa Magestade, que essas plantas não dão perfume, nem amendoas, nem rebentam em gomos, nem dão botões, nem...

— Não importa. Está sempre em flor e isto me basta. O que não quero é preguiçosos, nos meus dominios.

E o jardim foi todo plantado, de um extremo a outro, de lyrios de ferro, sempre verdes e sempre em flor.

Dava gosto vê-lo. Mas...

Contam que, d'alli, por deante, nos dominios do rei não havia perfumes, nem borboletas, nem abelhas, nem passaros, nem um só artista.

Era uma seara de aço, com flores rigidas que pareciam converter-se em lanças e espadas. E não houve mais ideal, nobreza, aspirações nobres e santas no jardim do rei.

A VIDA EM SOCIEDADE

(Conselhos de bom tom)

O Palito. — Há dias, em um hotel de luxo, tive ocasião de observar que, em diversas mesas cavalheiros e senhoras, entre um prato e outro, palitavam continuamente os dentes...

E' um habito que causa uma impressão desagradavel e que não prima pela elegancia. Si é feio ver um homem de bocca aberta, a escavar os dentes, imaginem o effeito desagradavel que isto causa, quando se trata de uma senhora, e principalmente, de uma moça, vestida pelo ultimo figurino! Quem o pratica, falo por um detestavel habito, adquirido em casa, e não sente o ridiculo que elle acarreta. Mas para quem observa a impressão é desoladora.

O uso do palito está hoje abolido em todas as mesas elegantes. Si não se permite que uma pessoa esteja a limpar as unhas, a mesa, muito menos se pode admitir que se ponha a fazer sua toilette buccal á vista dos que comem. Ha pessoas, então, que levam este habito ao exagero e em esgar, grotesco, aliam desmesuradamente a bocca e procuram posições incoerentes, para palitar os dentes por das formas. Outras põem a mão esquerda em frente á bocca, para esconder o desagradavel gesto. Longe, porém, de o corrigirem, maior attenção protecam da parte dos circunstantes. É preciso acabar com este mau habito e a propaganda deve começar em casa. A mesa não é um lugar de toilette. E o palitar os dentes alem de ser repugnante, deprime os sentidos e de ironia do estrangeiro que frequenta os nossos bons hotéis.

Falar alto. — O brasileiro fala, em geral, muito alto, e gestula excessivamente. E' um habito igualmente deporavel.

Uma pessoa educada não deve alterar a voz mais do que o necessario para ser ouvido pelo seu interlocutor. Ninguém tem o direito de incomodar o seu vizinho. E sabe Deus o supplicio que sofre quem está num quarto de hotel e ouve uma "papagaia" no quarto vizinho, cada qual a falar mais alto, como si seu interlocutor estivesse a uma legua de distancia!

Do repouso alheio. — Quem se hospeda em um hotel tem direito a exigir que lhe não perturbem o repouso, mas tem igualmente o dever de não perturbar o repouso alheio. Nossos hotéis, no entanto, são verdadeiras casas de supplicio. O hospede que passa no corredor não vê que ha ao centro do soalho um tapete que é feito para amaciar o ruido dos passos. Pisa duro e forte, fora do tapete, pouco se lhe dando perturbar o repouso dos demais hospedes. Ao entrar no quarto bate violentamente a porta, arrasta os moveis, deixa os sapatos cahirem violentamente no chão... procura embalar todos os meios de incomodar aos vizinhos.

Tive occasião de ouvir a seguinte resposta a alguém que reclamava:

— Eu pago e posso fazer barulho!...
— Uma pessoa bem educada nunca diz — «Eu pago» — E' uma expressão vulgar que apenas se admite na bocca de um individuo para o qual o dinheiro é tudo. E o facto de pagar a hospedagem não o coloca em posição excepcional, porque todos que estão no hotel, igualmente pagam. E no pagamento da hospedagem não está incluído o direito de incomodar aos demais.

As crianças. — E as crianças nos nossos hotéis?... Oh, que martyrio!... Correm pelos corredores, saltam sobre as cadeiras acolchoadas no salão, martellam o piano, abrem e fecham com ruído as portas, rasgam as cortinas, cortam as folhas das plantas de ornamentação, jogam a calça-cega e acabam fazendo do hotel um ground de foot-ball... As mães alham para tudo isso indifferente e riem!...

No entanto um pouco de reflexão lhes mostraria a inconveniencia de seus filhos. Na Europa as crianças têm, nos hotéis, um regulamento que garante a tranquillidade dos demais hospedes. Entre nós si um hotelheiro se atreve a uma observação, ainda que assucarada com a maior diplomacia, ai delle!...

Não devemos ser assim. A má educação dos nossos filhos recai sobre nós mesmos. Com a nossa approvação e o nosso assentimento damos a nós o lar uma expressão publica que o deprime.

Nos veículos publicos. — Antigamente quando uma senhora ia tomar um bond os cavalheiros apressavam-se em oferecer-lhe o melhor lugar. Este habito tem desaparecido aos poucos. E sabem porque? Porque a maioria das senhoras não se lembrava de agradecer tal deferencia. Tomavam o lugar que lhes era offerecido, deixavam o cavalheiro amavel dependurado incommodamente do estribo e nem ao menos tinham uma leve inclinação de cabeça para a victima... Os homens entenderam, então, que ficariam mais commodamente sentados... e deixaram de offerecer seus lugares. E' verdade que a logica masculina não foi das mais razoaveis, porque quem se mostra gentil está compensado pela simples consciencia do seu acto. Ninguém, porém, lhes pode contestar o direito a um agradecimento.

E basta por hoje. Não me leve a mal. Animem-se apenas o desejo de melhorar nossa vida social.

Margarida B.

Registo litterario

O sr. Orlando Margal, distincto escriptor portuguez e um dos bellos talentos da geração nova, que desabrocha em Portugal, num movimento litterario, tão intenso que já não é uma promessa para ser uma bella e pujante realidade, acaba de nos enviar, com dedicatória amavel, dois dos seus volumosos *As Feras Saezes* que acham de sair do prelo e o seu livro de contos. *As Feras* já os leitores e leitoras desta revista conhecem a maneira litteraria do sr. Orlando Margal, mesmo pelo simples titulo de amor

tra da sua individualidade litteraria, que publicamos aqui, ha dias, em uma esplendida chronica. Mas isso não basta para primarizar as numerosas facetas do talento do joven escriptor luso que sabe manejar a pena com a elegancia singular de um outro, mas que cingida a verdade e a authenticidade, lavrando-se com a exatidão metódica e com a adoração conciente de um janthin medieval.

A sua prosa, humida de emoção e vibrante de sentimento, é um verdadeiro encanto á leitura e prende e sugere ideias e tem condições maravilhosas de suscitar esse arrepi sagrado que só se sente quando perpassa o topo da arte.

As suas *Feras Saezes* são realmente de uma suavidade nostalgica, de um perfume doce e suggestivo, com as suas paisagens recheadas com tamanha finura de tintas, traçadas em horizontes escarpados, arcos lavados e puros de montanha e varzea, de praia e rio, inelegantemente cobertas de neblinas de saudade e de nuvens vaporosas de sonho.

Não menos encantadoras são as seus contos encostados nos *As Feras*, como polca dorada, descaído das regiões longínquas da phantasia ou apaludado, entre lagrimas e sonhos, dos acontecimentos triviaes da existencia, á mistura com lavos de sangue, de uma realidade acalorada e de uma paixão.

Mas o sr. Orlando Margal parece que desdenhou já a novella, onde se esbarra depressa nas molduras estreitas, para surgir mais alto e deslizar-se no romance, onde não ha duvida que muito ha a esperar da inconfundivel talento do moço escriptor que, deixa nas obras já publicadas, segura base de construcções mais possantes.

Porisso, desde já, se lhe pode augurar o maior successo.

Os dois livros que, á sua amabilidade, devemos, são mais do que uma lisonjeira promessa.

Aqui lhe deixamos, nestas linhas rapidas, comprimidias pela falta de espaço, juntos com os nossos agradecimentos, os applausos pela belleza da sua obra litteraria que, embora marcada de alguns pontos e insignificantes defeitos de contextura e estilo, é, absolutamente digna de consideração e não pode passar despercebida a todos os amadores da boa arte.

VIDA SOCIAL

Acabam de contractar o seu casamento a sta. Carmelina Prats Baptista, filha da exma. sr. d. Julia Prats Baptista e do sr. Alfredo Telles Rudge, filho do sr. João Henrique Rudge, e da exma. sr. d. Anna Telles Rudge.

Tanto o noivo como a noiva pertencem ao escol da sociedade paulistana e gosam, entre nós do maior respeito e merecida consideração.

A sta. Carmelina, á sua gentileza natural, allia os dotes preciosos de altas virtudes e uma intelligencia educadissima e fina.

O sr. João Henrique Rudge, na escola puritana de sua exma. familia, hauriu os mais acrisolados ensinamentos que soube desenvolver e aperfeçoar ainda, tornando-se um moço de aprimorado caracter, rodeado das maiores sympathias.

Aos dois jovens noivos, augurando-lhes, desde já, as maiores venturas, e a sua exma. familia, apresentamos os nossos respeitosos e effusivos cumprimentos.

THEATRO

DA REVISTA FEMININA

QUE AVENTURA!

NIDDELDO PARA NID'AM

Adeante-se com um ar desconsolado, balance a cabeça e olha o publico. Pouco a pouco um sorriso illumina-lhe o semblante. Ri de um riso franco e infantil.

QUE AVENTURA! (ri) Ah, si eu lhes contasse! (Ri) Mãe diz que podia ter sido uma coisa muito grave e que eu não devia rir (fazendo-se sério) Assim... (Ri de novo) Mas eu não posso!... Que aventura! Devo dizer-vos, antes do mais, que eu não tenho dote. Mas não é isto que me faz rir... principalmente nesta epoca em que as que não têm dote devem chorar.

Somos tres irmãos, o que complica o caso, porque a pobre da minha mãe tem que descobrir não um, mas tres cavalheiros desinteressados.

Um já é tão difficil!... Si por acaso os senhores conhecem algum seria favor apresental-o... Si ha tres na sala, queiram levantar o dedo, como quem vota... Nem são precisos tres; bastam dois, porque eu... (a rir) sim... eu (a rir) Que aventura!...

Eu vou contar-vos o caso seriamente. D. Margarida convidou, nos a ir passar alguns dias com ella em sua fazenda. Soube logo que ao mesmo tempo foi convidado um rapaz que certamente me desejava pedir em casamento, porque elle é tão alegre como eu. Não soube isto por mamãe — é claro. As mães nunca têm bastante confiança na gente. Em compensação ha as irmanzinhas que tudo ouvem e que não tem papas na lingua. Minha irmanzinha disse-me mesmo o nome do rapaz — Gervasio... E' muito alegre! Imaginem! (Ri) Gervasio não é um amor de nome... mas enfim, a culpa não é delle!... E depois é alegre... seríamos dois a rir (ri).

Chegamos á fazenda — eu com uza terrivel enxaqueca. D. Margarida aconselhou-me que ficasse repousando no salão enquanto levava mamãe e minhas irmãs iam com ella a visitar a casa. No momento, porém, em que ellas se dispunham a sahir, appareceu Gervasio. Apresentaram-me e ficou logo combinado que elle ficasse a fazer-me companhia. Ficamos sós. Elle sentou-se perto de mim. Pensei que ia rir e não sei por qual milagre minha enxaqueca desapareceu. Ficamos os dois calados. Afinal fui eu a romper o silencio.

— Que lindo tempo! disse eu. — Esplendido! respondeu-me elle, com uma voz sombria, quasi a suspirar, como quem guarda um defuncto.

Passaram-se alguns segundos em silencio. Eu percebia que elle queria falar e não podia. E é um supplicio a gente estar ao lado de um cavalheiro que quer falar e não pôde. Arrisquei uma outra phrase: — O sol é uma coisa tão alegre... Elle olhou-me e disse em voz mais sombria:

— Ha pessoas que assim pensam. Houve um novo silencio. Pensei commigo que Gervasio tomava aquelles ares tristes por uma farsa. E olhando-o bem comeci a rir. Elle tornou-se ainda mais triste... E levantou-se, com um ar solenne... assim... (faz o gesto) como quem acompanha um enterro e pedindo licença, sahio a exclamar:

— A vida no entanto é um valle de lagrimas!... Cessei de rir. Sua voz era tão lamentavel que me communicou de repente uma grande tristeza. Voltou-me a enxaqueca. E eu fiquei a pensar numa série de coisas lugubres. Eis que de repente abre-se uma porta e Gervasio reaparece, a rir, a rir como um doido.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

— Não, não! A vida é a mocidade e a mocidade é o riso. Ria-se... ria-se...

Olhei espantada. Elle ria... ria gostosamente... Era bem uma farsa a que elle acabava de representar... E eu puz-me a rir... Ria-mos os dois quando alguém de fora o chamou.

— Eu volto já! — disse-me elle ao sahir. — Voltarei com uma porção de coisas alegres para a fazer rir.

Estava eu ainda a rir quando se abriu a outra porta e Gervasio reapareceu... Vinha outra vez triste, com um ar de enterro...

Passaram-se alguns segundos em silencio. Eu percebia que elle queria falar e não podia. E é um supplicio a gente estar ao lado de um cavalheiro que quer falar e não pôde. Arrisquei uma outra phrase: — O sol é uma coisa tão alegre... Elle olhou-me e disse em voz mais sombria:

— Ha pessoas que assim pensam. Houve um novo silencio. Pensei commigo que Gervasio tomava aquelles ares tristes por uma farsa. E olhando-o bem comeci a rir. Elle tornou-se ainda mais triste... E levantou-se, com um ar solenne... assim... (faz o gesto) como quem acompanha um enterro e pedindo licença, sahio a exclamar:

— A vida no entanto é um valle de lagrimas!... Cessei de rir. Sua voz era tão lamentavel que me communicou de repente uma grande tristeza. Voltou-me a enxaqueca. E eu fiquei a pensar numa série de coisas lugubres. Eis que de repente abre-se uma porta e Gervasio reaparece, a rir, a rir como um doido.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

— Mas que é isto? Está tão triste?... — A vida é um valle de lagrimas... — suspirei.

LOUÇAS E VIDROS

CASA FRANCEZA DE L. GRUMBACH & COMP.

RUA DE SÃO BENTO, 81 — SÃO PAULO —

PLACAS DE CRYSTAL TEIXEIRA, RUSSO & COMP.

TABOULETAS, LETREIROS DECORAÇÕES

Rua do Carmo, 19 — Caixa postal, 1244 São Paulo

Em torno de uma flor

(A D. Florinda de Mello)

Jasmimino lindo, jasmimino casto,
De estrellinhas albas e deil poesia,
Neste mundo triste, desdenho e gasto,
E's o altar do sonho, de onde a paz radia...

Que florinda acede pôde hater na terra
Que ao jasmim supplante, que ao jasmim destrone?
De luar e feio, só decora encerra...
Com perfume acede às iras do cyclone!

Pergunta-me, inteligente e graciosa amiga, porque tenho predilecção pelo jasmim. Difícil, senão impossível responder! Quem saberia explicar exactamente porque prefere este aquêle nocturno de Chopin, porque amou uma creatura em vez de outra? Somos um mysterio a nossos proprios olhos! Sentimos... eis tudo.

Aquella pergunta tão simples transportou-me, no entanto, para tempos remotos, bem para longe, lá para outras bandas da vida...

Multissimos dias de minha infancia decorreram num verdadeiro sertão de Minas, num logradouro, que hoje já vai sendo bafejado pelo sopro do progresso e onde já se pôde viver, mas que naquella tempo era quasi um deserto, cujos arredores se povoavam de criminosos e de as-assinos. A Jacutinga deve ter ficado celebre nos annaes do forum mineiro. La se desenrolavam os mais sangrentos e horripilantes dramas da criminologia. Era alli que residiam o famigerado *São Pedro*, o *Pentecostão*, que matou aquelle e tinha quatorze mortes, e o *Mandô*, que, tendo tido outras tantas, é o herôe de um bello conto de Lucio de Mendonça. Ah! se fossem só esses...

Era uma chusma delles, que cortavam o povoado furtivamente, com os seus chapéus desabados e os seus ponches forrados de bacia vermelha, vergando ao peso de armas de toda a especie. A aldeola constava apenas de uma rua, no alto da qual estava situada a igreja, que não tinha parochia e vivia abandonada. O cemiterio era perillho de nossa casa e o seu cruzeiro abria na amplitude os grandes braços, que ainda pareciam maiores aos meus olhos de criança! Não se passava dia em que não houvesse algum enterro, e ás vezes dois e tres! Pudéra! Em toda a redondeza não havia fúnebrico, e o *são Pereirinha*, que diziam *curar muito bem porque o terrão tinha sido medico*, se encarregava de dar serviço aos coveiros, auxiliado pelos turbulentos com suas armas fraticidas, entre as quaes figuravam mesmo a pacifica foice e a enxada feconda. Aquella mortalidade pasmosa trazia ao logar a poesia selvagem dos seus prestios funerarios. A piedosa solidão com que os caipiras, correndo sempre, se disputavam os varões das redes de defunto, querendo todos conzidil-os aos hombros, era uma scena que, mesmo repetida quotidianamente, despertava o sentimento da solidão e da dor...

Tambem não era o logarejo servido por linha postal. A correspondencia vinha de Ouro Fino e era trazida, obsequiosamente, de dias em dias, por abastado commerciante que possuía uma fazenda na Jacutinga e ali vinha, tres ou quatro vezes por mez, correr os olhos nos seus dominios. Oh! que indizível contentamento o meu ao ver chegar o grande sortimento de papéis! Enquanto os mais velhos abriam avidamente o *Jornal do Commercio*, do qual chegava sempre um respeitavel pacote, entretilhino-me eu com a leitura variada e amena do meu querido *Monitor-Slu-Mineiro*, — fonte de toda a minha recreação espiritual de então. Nem musica havia naquellas paragens, onde já era um regalo ouvir, de quando em quando, a tristonha sanfona dos ciganos acampados em suas barraquinhas brancas, depois de uma entrada pittoresca pela povoação... O grande numero de cavallos cobertos de arrieiros prateados e o vozear continuo dos *gaúchos*, das grandes esporas, e das *gaúchas*, carregadas de cordões de ouro e de pulseiras, davam uma nota de animação e de vida ás margens do ribeirão, onde uma mulher obesa, — que comia formigas tanguaras fritas! — pescava lambarys da manhan até á noite. E era de ver a graça que achavamos nas ciganas velhas amarradas por cima dos carneiros, no dia em que a ciganada se ia embora, depois de muitas *barganilhas*, deixando as cinzas de seus *lares* a pontear os campos verdes.

Na Jacutinga não cuidavam de flores! Querem encontrar alli um jardimzinho, seria o mesmo que procurar agulha em palheiro! Quando muito, avistavam-se algumas chagas ou maravilhas por entre as couves e as aboboreiras dos quintalejos.

Um jasmimero providencial embelezava, porém, as janellas de nossa casa, inundando o ambiente com deliciosas nuvens de aroma! Que perfume pôde ser comparado ao perfume do jasmim, inoffensivo e doce como um beijo de creança, e tão diferente de certos perfumes violentos, que nos tonteiam e que nos fazem mal? Aquelle jasmimero era um oasis encantado... e o jasmim concretisava em si o poder suggestivo e magico de todas as flores... Era a unica, para bem dizer, que nos engalanava a existencia, e por isso mesmo — quem sabe? — ficou sendo a minha predilecta. O jasmimero era do lado que dava para o caminho de Pouso-Alegre, minha cidade natal, que, pela sua bella localidade, foi assim cognominada — contam as lendas — pelo primeiro viajante que lá poison, ás margens do Mandô. Quem, sem ter experimentado, pôde avaliar a adoração, o religioso carinho com que se olha, de um ponto cheio de isolamento e de tristeza, para o caminho vermelho e solitário que vai ter ao logar de nossas esperanças e de nossas alegrias?

Afinal, raiou o dia ditoso em que saímos de vez da Jacutinga, galgando aquelle caminho por onde fizera

Il faut avoir sa fleur sur la terre et son étoile au ciel. Mefiez-vous de ceux qui rient de cette superstition. Ma fleur préférée, c'est le jasmim.

Fleur préférée, douce et charmante fleur dont on dit le nom tout bas, comme celui d'une femme aimée, le cœur qui ne subit plus la mystérieuse influence est un cœur fidèle à jamais. Il bat encore, mais il ne palpète plus: il vit, mais il a cessé de sentir.

Sinto um quasi deslumbramento... regosijo-me... scismo... E, por uma associação de idéas, lembro-me então que entre os muitos livros e folhetos que esperam minha leitura, ha uma folha arrancada casualmente a uma obra de m.^{me} de Girardin, intitulada *Fleurs et fleurs*. E curiosa, e impressionada com as palavras de Alphonse Karr, vou procurar-la, vou ver o que teria a poetisa franceza dito em tal assumpto. Fazia ella uma descripção das flores raras e exquistas que se cultivavam então em França e cujos primeiros espécimens iam do Brasil, de Cayenna, de Madagascar, etc. E mme. de Girardin, narrando-nos as difficuldades e incessantes cuidados que precisavam ter os amadores para ajudalas a viver artificialmente, em clima estranho, consultando sempre o thermometro, porque um momento de distração podia deixar morrer as bellas estancias, refere-se amoravelmente a *jasmim fiel*, que supporta o vento, a chuva e a neve, que cresce ao sol ou na sombra e que vivia

então no esquecimento. E a escriptora nos pinta um dia de revez na casa de um amador de flores custosas e raras. A desgraça que chega por uma reviravolta brusca do destino, mostra-lhe a impossibilidade de conservar aquellas dispendiosas preciosidades e ei-o que murmura: *«Partez, je ne peux vous garder près de moi, la pauvreté est froide, elle vous ferait mourir, adieu.»* Entrega-a ao comprador que especula com a sua desdita e enquanto fica apoiado á janella, vendo-a tristemente partir, sente uma briza embaçada que o inebria...

Une branche de feuilles légères lui caressa la main doucement; c'est le jasmim fidèle qui lui rappelle sa présence; il a grandi pendant les jours de l'abandon, ses branches protectrices voient de verdure la demeure. Il a grimpé jusqu'à la fenêtré: il a monté jusqu'à lui pour lui dire: «N'allez pas de remords! tu ne m'as pas oublié, puisque j'ai toujours pour toi des fleurs et des parfums.»

Extremeco com a leitura dessa pagina tão formosa! Extremeco e rejubilo-me... Rejubilo-me sim, o flor de meus anhelos, que não guardas um só espinho no teu seio. De que te valeria o meu amor, a ti que symbolizas a dedicação, derramando sempre perfumes, com o devotamento sublime de quem tudo dá e nada pede?

PRESILIANA DUARTE DE ALMEIDA

PARA TINGIR OS CABELLOS

Poderemos annunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PÉTALEXA, o admirável e modesto preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o mundo e que da ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azeviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importância de Rs. 10\$000, inclusive 200 réis para a despesa do correio.

PELA INFANCIA

Agita actualmente a opinião publica, uma questão que ha muito devia tel-a agitado: a triste condição a que se acha reduzida a infancia proletaria, que em vez de gozar das expansões proprias da idade, definhá em trege a um trabalho insano, entre as negras paredes das fabricas e das officinas.

E' a nós especialmente, ao elemento feminino, que esta questão deve interessar.

Dos nossos labios deve brotar, ditado pelos mais nobres sentimentos de humanidade o grito sublime: Respeito para a infancia!

E esse grito deve ser vibrante, ecoar no fundo de todas as consciencias, de modo a converter-se logo em um facto, em uma realidade.

E doloroso o que succede com essas infelizes creaturinhas. Privadas das caricias maternae que fazem tão felizes a outras creanças mais favorecidas pela sorte, sem receberem a

instrução e educação indispensaveis para a formação da sua individualidade, crescem ellas num ambiente pernicioso para a sua saúde fisica e moral, prometendo ao Futuro uma geaçoção peor, muito peor em todos os sentidos, á de hoje.

Que pôde prometter uma creança que aos 7 ou 8 annos, idade propria para ser iniciada a sua educação, é levada a uma fabrica obscura e poeirenta, respirando um ar infecto, entregue a um trabalho superior ás suas forças, o qual deve supportar durante o dia inteiro?

Privada de ar, de luz, de liberdade, de amor, de instrução, essa creança pôde vir a ser amanhã um pae ou uma mãe exemplar?

Será ao menos, um pae ou uma mãe sofferivel?

Não, de forma alguma.

A anemia exgotará as suas energias, quando a tuberculose não destruir por completo o seu debil organismo. Nada mais será, fisicamente, que um espectro que vagueia pelo mundo como uma maldição lançada sobre as gerações passadas, sobre aquelles que por falta de bondade e de energia, não sonberam impudir a sua ruína.

Tendo como unica escola o contacto com gente sem cultura, as palavras estupidas e obscenas que ouve aos maiores, a grosseria dos mestres e contra-mestres, a aviltante submissão dos seus companheiros sem uma consciencia de dignidade, o livre desenvolvimento dos maus instinctos sem que os bons cheguem a despertar, essa creança não pode chegar a ser, moralmente, outra coisa que um ser repulsivo e deletorio, incapaz de precher as suas funções como membro de uma humanidade que tende sempre a evoluir e a aperfeçoar-se.

Bella perspectiva a que se nos depara para um futuro não muito distante.

E no entanto, nesse futuro reside a realização das nossas mais bellas aspirações! E' no futuro que todos os mortaes, sem distincção de sexos, idades, creanças e nacionalidades, tem fitos os olhos, porque é no futuro que vêm o sol prefulgente que ha de illuminar, gradualmente, este obscuro mundo em que vivemos; porque é o futuro o mysterioso cofre que encerra o thezouro inestimavel da felicidade humana.

E' para o futuro que as nossas almas voam; mas é preciso elaborar no presente esse futuro, para que corresponda ás nossas aspirações.

E é por isso que não devemos permitir que a infancia de hoje, genuina representante do mundo de amanhã, seja sacrificada inutil e malodosamente, por paes famintos ou ignorantes e por industriaes pouco escrupulosos.

Nos nossos corações, onde se abriga a mais bella manifestação da natureza humana, o instincto materno, germina de por si, naturalmente este desejo justo e louvavel.

Renda-se á infancia o respeito devido; sejam-lhe abertas as portas do Amor e da Sciencia, posto que a lei natural assim o ordena!

Desviando por um momento a nossa attenção das coisas puras que geralmente a preocupam, dediquemol-a a fazer triumphar esse desejo com o qual nos collocaremos acima do baixo nivel moral em que a Indiferença colloca os seres humanos.

Levemos novamente ao jardim florido dos folguedos e alegrias, essas delicadas flores, tão brutalmente dali arrancadas por mãos impiedosas cujos donos parecem ignorar o segredo da vida humana!

E tenhamos tambem, uma palavra, um gesto nobre, para com as mães dessas creanças. Que não nos passe sequer pela mente a idéa do anatema.

Ellas não são malvadas e sim desventuradas, pobres victimas da Ignorancia, essa maligna megêra que com a sua negra malha, tecida atravez de muitos séculos prende a Mulher de tal forma, que ainda hoje, apesar dos esforços empregados para libertar-se, continúa está sendo sua victima, e sob sua influencia commette verdadeiras monstruosidades.

A nossa missão apparece clara, evidente; lutar agora immediatamente, para que não seja permitido o trabalho de creanças nas fabricas e nas officinas, e a seguir, empregar todos os nossos esforços para que a instrução e a educação do sexo feminino se alastre a todas as classes sociais, e não fique apenas patrimonio das classes privilegiadas, facto este que faz com que noventa por cento das mulheres se achem incapacitadas para exercer como é devido, a delicada missão que lhe impõe a maternidade.

Maria de J. Soares.

S. Paulo, Fevereiro de 1917.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL 8\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez terminando um anno depois no mez correspondente.

Toda senhora que nos escreva 10 assignaturas terá uma assignatura gratis.

Avismos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes, evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada a REVISTA FEMININA deve ser dirigida a D. Virgínia de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Rua 19 de Novembro, 33, São Paulo.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

Sucursal do Rio de Janeiro. A nossa sucursal no Rio de Janeiro, achase localizada a Rua Buenos Ayres, 77, e dirigida pela direcção do Sr. Capitão de Cavete F. A. Pereira.

O MENU' DE MEU MARIDO



TORTA DOCE

Em uma pequena porção de farinha de trigo junta-se 2 gemmas de ovos, 1 chicara pequena de assucar, 2 colheres de manteiga salgada, faz-se massa e com ela cobre-se o fundo de uma torteira, pondo ao forno para assar. Toma-se uma lata de ameixas pretas, tiram-se os caroços e põe-se ao fogo com um pouco d'água, assucar à vontade e canella em rama. Quando estiverem bem desleitas engrossa-se com uma gemma. Arruma-se isto sobre a massa na torteira, pondo-se por cima um creme de leite e glace feito das tres claras. Finalmente enfeita-se com tiras de massa ao redor do prato e vae ao forno assar.

CREME ROSADO

4 claras bem batidas com 100 grms. de assucar, 2 colheres de cognac, 4 folhas de gelatina vermelha dissolvida em uma chicara grande de agua quente, junta-se 100 grms. de assucar queimado. Mistura-se bem e vae gelar em uma bonita forma untada de manteiga fresca.

VATAPÁ

Ensopa-se uma gallinha, tempera-se bem. Quando estiver bem cozida, tira-se os ossos, passando-se a carne na machina juntamente com uma lata de camarão. Tira-se o leite de um coco e mistura-se com o caldo da gallinha, primeiro o leite ralo, junta-se a massa de gallinha e camarão, engrossa-se com farinha de trigo ou de arroz; 2 a 3 colheres de azeite dendê, bastante pimentas moídas e por ultimo o leite grosso do coco.

SOUFFLÉ DE BATATAS

Descasca-se e cozinha-se 500 grs. de batatas em agua e sal; passa-se no passador para que fique uma massa bem fina. Junta-se-lhe pouco a pouco um decilitro de nata e em seguida 200 grammas de manteiga, ligeiramente derretida em banho Maria, e cinco gemmas de ovos; depois

de tudo bem ligado mistura-se cinco claras batidas em neve. Unta-se com manteiga as formas de soufflé e enche-se com a massa e vae ao forno quente durante uns vinte minutos. Serve-se logo que se tira do forno.

SALADAS DE TOMATES

Corta-se em fatias finas alguns tomates, polvilha-se com sal fino e pimenta, e tempera-se com azeite e vinagre. Enfeita-se o prato com ovos cozidos cortados ao comprido.

SARDINHAS FRITAS

Depois de escamadas e limpas, tempera-se com limão, salsa, pimenta e cebolinha verde durante uma hora; enxuga-se e passa-se na farinha de trigo e frega-se em azeite quente. Serve-se com molho picante. As sardinhas limpão-se pela gueira.

BOLO DE CASTANHAS

Um kilo de castanhas, 460 grammas de assucar, baunilha, cidrão, cerejas crystalizadas, amendoas torradas e um copo de agua. Deixa-se as castanhas de molho em agua durante algum tempo e cozinha-se em fogo brando. Depois desasca-se e passa-se enquanto quente, uma a uma em uma peneira. Faz-se calda grossa perfumada com baunilha. Reserva-se oito colheres desta calda e despeja-se o restante na massa das castanhas, mexendo-se com uma colher de pau até obter uma massa compacta. Despeja-se a massa no prato em que deve ser servido o bolo, dando-se-lhe a forma de uma corôa, com 10 centímetros de altura; alisa-se passando por cima uma faca e enfeita-se da seguinte maneira: Corta-se ao comprido as amendoas, que já foram torradas, e em fatia bem finas, corta-se o cidrão aos pedacinhos e espeta-se os pedacinhos de amendoas na coroa, entremeados com cidrão e cerejas. Despeja-se então as oito colheres de calda que se reservou sobre o bolo, de maneira a cobri-lo completamente. Serve-se este bolo no dia seguinte.

SHORT BREAD

380 grammas de farinha de trigo, 130 grammas de fécula de batata, 250 grammas de manteiga fresca, 1 colherinha de banha, 130 grammas de assucar. Misturadas as duas farinhas, junta-se-lhes o assucar a manteiga e a banha; mistura-se tudo e amassa-se bem. Sendo a massa quebradiça deve-se estender em pequenas porções, com o rôlo. Corta-se com forminhas e faz-se rolos finos com dois centímetros de comprimento. Forno regular.

OSTRAS

Abrem-se as ostras e põem-se com a sua agua, em uma cassarola e leva-se esta ao fogo. Antes que comence a ferver a agua tira-se do fogo a cassarola. Collocam-se as ostras em um prato bem untado com manteiga fresca, deita-se em cima um molho feito com cebolinhas picadas e um pouco de vinho branco. Cobre-se com manteiga e farinha de rosca e vae ao forno para assar.

OSTRAS COZIDAS

Tiram-se as ostras da casca, cozinha-se na sua propria agua, fazendo ferver durante 6 ou 8 minutos, sendo depois escorridas no passador.

OSTRAS A LA POULETTE

Abrem-se umas tres duzias de ostras. Sua agua passa-se num guardanapo e põem-se numa cassarola que vae ao fogo. Logo que esta agua ferva deitam-se dentro as ostras, tendo o cuidado de retirar a cassarola do fogo, logo que comence a ferver novamente; escorre-se em seguida. Derrete-se 125 grs. de manteiga e enfeita-se com a seguinte maneira: Corta-se ao comprido as amendoas, que já foram torradas, e em fatia bem finas, corta-se o cidrão aos pedacinhos e espeta-se os pedacinhos de amendoas na coroa, entremeados com cidrão e cerejas. Despeja-se então as oito colheres de calda que se reservou sobre o bolo, de maneira a cobri-lo completamente. Serve-se este bolo no dia seguinte.

A FEMININA



de tri-
cota, 250
1 colhe-
tas de as-
farinhas
intega e
amassas-
radica de
e porões,
minhas e
centimo
o regula

põem-se
assarola
que co-
do fogo
ostras em
manteiga
em molhe-
las e um
re-se com
e vae a

da casa
agua, fa-
8 minutos
passado

TTE

luzias de
um qua-
sarola que
agua fei-
as, tendo
sarola do
erver no-
tida. Der-
ga e em-
champig-
de cebo-
il, pimen-
sobre as
r em um
o. Cobre-
ca e vae
r e rega-
e caldo de

CASA BONILHA

Telep. da Loja Cent. 1116
Telep. Off. Central 1349

29 Rua Direita 29

Novidades em tecidos de lã para Inverno

Grande e variado
sortimento de pel-
les legítimas a
preços sem com-
petidores.

Acaba de che-
gar chic
sortimento de vel-
ludo de seda liber-
ty para vestido em
cores modernas.



Antes de fa-
zerem as suas
compras visi-
tem a "Casa
Bonilha" e ve-
rifiquem os
seus preços.



Lampadas electricas
Feros de engommar
Lustres e Arandelas
Ventiladores e
Fogareiros Electricos

====
Prefiram a

— CASA —
DODSWORTH

RUA BOA VISTA N. 44

S. PAULO



Accessorios para AUTOMOVEIS
PNEUMATICOS "MICHELIN"
Gazolina e Oleos.

Carga de Accumuladores.
Rua Barão de Itapetininga, 30
Telephone, 694
SÃO PAULO

VILLACCA

6-A, RUA DIREITA 6-A, :: S. PAULO.

O VICIO DE ROER AS UNHAS
Temos em mãos neste momento um
excellent preparado, da Mig. Drugs
S. Paulo C., para evitar o vicio de roer
as unhas, que é muito commun nas cre-
anças e sempre prejudicial, provocando
lesões no estomago e casos frequentes de
appendicite com morte em 24 horas.
Quem vê uma linda criança, com os
dedinhos postos na bocca cor de rosa,
roendo as unhas, não imagina muitas
vezes os perigos a que ella se expõe
e cuja responsabilidade cabe ás mães
imprevidentes e descuidadas. Por um
acordo com a Manufacturing Co., po-
demos aceitar os pedidos das nossas
leitoras, ao preço de \$5500 o vidro
livre de porte.

**ANEMIA - NEURASTHENIA -
FRAQUEZA - CHLOROSE
DEBILIDADE
E
TUBERCULOSE**
MEDICACAO
SEM RIVAL
CAPSULAS DE OLEO DE
CAPIVARA DE SILVA ARAUJO

CASA BARUEL

Rua Direita, 1 - Largo da Sé, 2
SÃO PAULO

As senhoras e senhoritas que dese-
jem manter sua cutis em perpetuo es-
tado de juventude, não devem esquecer
que em nossa Secção especial de Per-
fumarias, ha os mais finos e modernos
Crêmes, Cold-Crêmes, Leites, Ceras,
Loções diversas e de toda a especie de
productos para Maquillage. Outrosim,
recommendamos o nosso variado sor-
timento de Pomadas, Pós, Cosmetics.
Vernizes e liquidos diversos para o
tratamento completo de "Manicure",

BARUEL & CIA

RECEITAS PARA A PELLE

O crême Dermina, formula do Prof.
Ficher é o grande successo do dia.
Além de ser um excellent crême de
toilette é um remedio poderoso con-
tra as espinhas, os dartsos, o eczema,
os cravos, manchas vermelhas do na-
riz, irritações da pelle, picadas de
insectos, etc.

CASA AMANCIO

AGENCIA DE LOTERIAS

F. ROCHA & CIA.

Rua General Carneiro N. 1

Em frente aos Correios

Caixa 176 - Telephone, 797

SÃO PAULO

CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de
senhoras: para bordar; para crochet; tricot,
filot, macramé, lacet, frivolité, inhanduty (Te-
neriffe). Artigos para confecção de flores ar-
tificiaes. Máquinas para bordar e todos os
avimentos para trabalhar com as mesmas.
Bastidores redondos, de quadro, de colto, com
pés, de todos os tamanhos. Ibs e linhas de
todas as qualidades e grossuras, torças de
seda e de algodão e mercerizadas, sedas para
bordar, lavavel e do Alger, talagarcas de todas
as qualidades, élamines, setins, pollicias, vel-
ludos, linhos etc.

Papel de seda branco e de cores. Papeis
crespos, dourados, prateados, pergaminhos
cartonados e do Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se
sempre promptos e fazem-se do encomenda
bem como lettras e monogrammas. Aviam-se
encomendas para o interior.

Genin & Filho

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A - S. PAULO
Telephone 1009
Caixa Postal 204

Para tingir os cabelos. - Podemos anunciar
das nossas leitoras que, com grandes escores, con-
seguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o ad-
miravel e inoffensivo preparado, que tão grande suc-
cesso está tendo em todo o mundo e que dá ao
cabello uma linda cor, desde o castanho claro, até o
negro escurinho. Os pedidos devem ser acompanhados
da importância de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para
o despacho do correio.

Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER

Ex- substituto da Polyclínica Geral em Vienna Ex-
chefe de clinica dos hospitais. Cirurgião do Hos-
pital, Beneficencia Portuguesa de São Paulo
Operador. Moléstias de senhoras.

CONSULTORIO

N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4
De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

A Ciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importan-
tes da maternidade é o problema do
aleitamento. Diz-se vulgarmente: «isto
elle bebeu com o leite» e nesta syn-
these popular está encerrada toda a
importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber,
a força, a saúde, o *mens sana in cor-
pore sano*; com o leite pode-se tam-
bem beber o rachitismo, a fraqueza
dos ossos, a pessima dentição, arru-
nando um futuro miseravel, arras-
tado em meio de moléstias e de dores.

Na maior parte desses ultimos ca-
sos a mãe deve ser accusada; durante
o aleitamento ella não se preoccupou
de repousar, de alimentar-se bem e,
principalmente de enriquecer o seu
leite com principios nutritivos e basicos
para a formação do esqueleto da cre-
ança, do arcabouço sobre o qual a
casa tinha que ser construida. Todos
estes perigos ella teria evitado se to-
masse cada dia quatro *Nalco's Irri-
calsic Pastilles*, nas quaes existem to-
dos os elementos necessarios para
tornar o leite abundante, grosso, gor-
doso e opulento de principios cal-
cicos para a formação dos dentes e
dos ossos. A Empresa Feminina Bra-
sileira é a unica depositaria deste
producto em São Paulo - Um vidro
com 100 pastilhas: 20\$000. Enviar o pe-
dido e importancia. - Com quantia tão
insignificante garante-se a formação per-
feita do lindo bebê sobre o qual re-
pousa o vosso olhar dedicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira

Praça Antonio Prado (Palacete Bric-
cola) - São Paulo

Nos toucadores elegantes

Entre os productos que devem fi-
gurar no toucador de uma mulher ele-
gante recommendamos muito especial-
mente crême *Dermina*, ultima palavra,
em materia de crême para amaciar a
pelle e para curar infalivelmente todas
as erupções de pelle, as espinhas,
os cravos, as manchas vermelhas
do nariz e mesmo o eczema, e to-
das as erupções. - Só em
premios a *Revista Feminina* já distri-
buiu mais de seiscentos potes de *Der-
mina* e chegaram-nos diariamente ates-
tados entusiasticos de sua efficacia.

Podemos enviar ás nossas leitoras,
por \$500 um pote. Os pedidos deverão
vir acompanhados da respectiva impor-
tancia, acrescida de 500 réis para porte
do Correio. Praça Antonio Prado (Pa-
lacete Briccola)

CASA LEMCKE

Rua Libero Badaró N. 100-104 - Téléph N. 258

Caixa Postal N. 221 - SÃO PAULO

GRANDES NOVIDADES EM
FAZENDAS PARA O INVERNO

Tecidos de seda, de lã e de algodão
Meias, Roupa branca. Blusas, etc. etc.



"REVISTA FEMININA"

Para ennegrecer os cabelos

Collecção de 1916

Acaba de nos ser entregue um redu-
zido numero de exemplares da colle-
cção da "Revista Feminina" corres-
pondente ao anno de 1916 e que
mandamos reunir em fina e luxuosa
encadernação.

Esses exemplares estão á venda
em nossa redacção, ao preço de 20\$000
o volume, que enviaremos pelo cor-
reio, livre de porte a quem nol-os
pedir.

REMESSAS PELO CORREIO: - Atten-
dendo ao pedido de grande numero de le-
itoras, resolvemos enviar ás nossas leitoras do
interior, os artigos necessarios para trabalhos
de agulha. Todos os pedidos deverão vir a-
companhados da respectiva importancia e
mais 800 réis para porte. Os artigos que não
puderam seguir pelo Correio, serão enviados
por estrada de ferro, frete a pagar.

Ricos albums de modelos. Tamanho grande
gravuras nitidas e desenhos irreprehensiveis
para trabalhos, a saber: - Ponto de cruz, colo-
rido - um 1\$500 - Bordados sobre etamine -
um 1\$500, a serie de tres 1\$2000. - Bordados
sobre etamine coloridos, um 3\$000. - Filet
bordado, um 3\$000. - Rendas e franjas ma-
crâmé, um 4\$500.

Bordados sobre Filet ou
labyrinth, um 3\$000. - Desenhos ponto de
talagarcha de cruz colorido, crivo labyrinth,
modelos grandes, cada um 600 réis. (temos
uma grande variedade) - Lã para tricot
e crochet, preta, novellós de 20 grammas,
600 réis. - Linha para renda irlandeza
em macaas, cada uma 800 réis. - Colapço
de lã variada cores em pique de 20 metros, co-
do 4\$200. - Sinalozes para lousas transparentes
o par 4\$000. - Veludo de seda, artigos superior
azul clavo proprio para trabalhos, metro 5\$. -
preço de occasião. - Cordão de seda, grosso, me-
tro 600 réis, item um pouco mais fino, 400 réis
papel chimiro para desenhos, cada folha
500 réis.

CASA DOLIVAES

(Fundada em 1880)

J. Azevedo & C. proprietarios da casa Dolivaes,
concessionarios das Loterias do Estado de S. Paulo
e sub-agentes das loterias Federaes continuam a en-
carregar de enviar aos cambistas do interior qual-
quer remessa de bilhetes destas duas loterias. Tem
sempre á venda loterias com grande antecendencia e
atendem aos pedidos com a maxima promptidão.

Os pedidos de lora devem ser dirigidos a
J. AZEVEDO & COMP.

Ha innumeras receitas para dar á cor
preta nos cabelos, mas todas as tinturas exis-
tentes são muito perigosas porque são á base
de nitrato de prata, de sales de chumbo, do
cloreto de cobalto etc. partes invariavel e ex-
cessivo de potassio, que é um toxico perigo-
sissimo, que pode envenenar rapidamente.
As mais communs são as tinturas progressi-
vas todas á base de nitrato de prata, cuja
absorção da luz á uma intensidade lenta
que termina por um cancro do fígado ou por
uma arteriosclerose ou ainda por accidentes
mais graves.

As duas unicas formulas inoffensivas são
o *Henné* verdadeiro para dar aos cabelos a
cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que
tinge desde o castanho até um bello negro
luzente e vivo, que illude á pessoa mais ex-
perta.

E precisa não confundir o verdadeiro
Henné - que é uma farinha vegetal, que vem
do Oriente e que não existe á venda no Bra-
sil - com diversas tinturas que se encontram
á venda no nosso commercio, á base de sales
de prata e de chumbo e com o *rebois de Hen-
né*. A pedido de diversas leitoras nos estavam
fazendo pedidos para importar do Orien-
te o verdadeiro *Henné* - para as loiras e
castanhas - mas a guerra vem annullar os nos-
sos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffen-
siva, não é mais que o que as senhoras Joan
Regent & Comp. fizeram vir da Europa, e
as nossas leitoras que desejarem fazer desapa-
parecer os seus cabelos brancos, poderemos
servir de intermediarias enviando-lhes a *Pe-
talina*, que não temos duvida em recommen-
dar. Com a *Petalina*, em dez minutos, faz-se
a pintura, podendo lavar-se a cabeça em se-
guida e por brilhantina ou qualquer oleo nos
cabellos. É sufficiente uma applicação por
vez e cada tubo de *Petalina* pode dar para
um anno ou mais pois é concentrada e vai
acompanhada de um prospecto explicativo
sobre a maneira de usal-a e preparal-a. Sim-
ples, facil, portetive e inoffensivo. Basta en-
viar á importancia do dez mil réis e 500 réis
para o porte e o endereço á Empresa Femi-
nina Brasileira, Praça Antonio Prado (Pa-
lacete Briccola) - S. Paulo.

ADALIS

O mais elegante livro sobre co-
zinha até hoje publicado.
Contém grande copia de recei-
tas de cozinha, doces, licores, etc. to-
das experimentadas e muito praticas.
Elegante livrinho util á toda a
dona de casa e de grande proveito
para as moças.

Preço 1000 Réis

Remettei essa importancia em
sellos do correio com o vosso en-
dereço á *Empresa Feminina Brasileira*
Praça Antonio Prado (Palacete Bric-
cola) - S. Paulo e immediatamente
recebereis o *Adalís* pela volta do
correio.

TINOCO MACHADO & CIA.

S. PAULO

RUA LIBEPO BADARO' 52 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

Brasileiras

Pequenas

Ypiranga

Colombo

Paulista

Bicho

Cia. Luz Stearica
do Rio de Janeiro

A'S SENHORAS PROFESSORAS

Pedimos aconselhar aos seus discipulos o uso do

Oleo-Indigena-Perfumado.

Recommendado como preventivo, e aconselhado com resultados positivos para a extinção da Caspa e de todos os Parasitas do couro cabeludo, tão frequentes na infancia. — De perfume agradável e preço baratissimo.

VIDRO 2\$000 □□□ PELO CORREIO 3\$200

Deposito Geral: **Drogaria Lemaigre**

RUA DA ASSEMBLEIA N. 34 □□□ RIO

— EM SÃO PAULO — BARUEL & COMP.

A' VENDA em todas as Pharmacias, Drogarias, Perfumarias e Barbearias.



Algodão em caroço

Compramos toda e qualquer quantidade pelo melhor preço que correr no mercado

Pereira Ignacio & C.

Rua Florencio de Albreu (Travessa da Fabrica)

Caixa Postal 931 — End. Telegraphico: Ampereio

— SÃO PAULO —

Manufatura de roupas

Para

== Senhoras e creanças ==

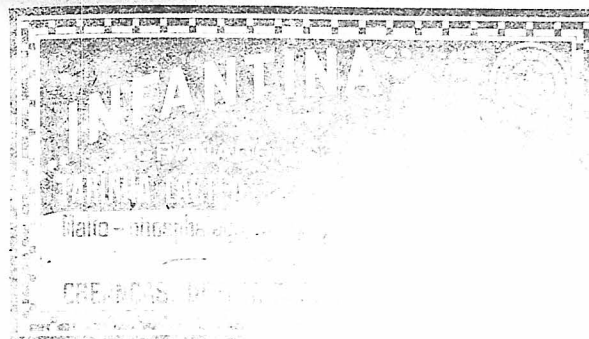
== Jorge Bassila ==

— Rua Florencio de Albreu, 62 —

Caixa Postal, 706 — Telephone, 3284

== São Paulo ==

A Infantina Granado é uma marca



Senhoritos!
Cultivos mais
e aveludados
se se cultivam com
Creme Suzette

Água de Colonia
GRANADO

Vende-se em todas as
casas de perfumarias
Deposito

JOÃO LOPES - Rua Il de Aguiar

ALL INFORMATION CONTAINED HEREIN IS UNCLASSIFIED

... vender a guerra. Os melhores terrenos, os mais vendáveis e mais baratos de S. Paulo são os da

1. *Chrysomelidae*
 2. *Curculionidae*
 3. *Chrysomelidae*
 4. *Curculionidae*
 5. *Chrysomelidae*
 6. *Curculionidae*
 7. *Chrysomelidae*
 8. *Curculionidae*
 9. *Chrysomelidae*
 10. *Curculionidae*
 11. *Chrysomelidae*
 12. *Curculionidae*
 13. *Chrysomelidae*
 14. *Curculionidae*
 15. *Chrysomelidae*
 16. *Curculionidae*
 17. *Chrysomelidae*
 18. *Curculionidae*
 19. *Chrysomelidae*
 20. *Curculionidae*
 21. *Chrysomelidae*
 22. *Curculionidae*
 23. *Chrysomelidae*
 24. *Curculionidae*
 25. *Chrysomelidae*
 26. *Curculionidae*
 27. *Chrysomelidae*
 28. *Curculionidae*
 29. *Chrysomelidae*
 30. *Curculionidae*
 31. *Chrysomelidae*
 32. *Curculionidae*
 33. *Chrysomelidae*
 34. *Curculionidae*
 35. *Chrysomelidae*
 36. *Curculionidae*
 37. *Chrysomelidae*
 38. *Curculionidae*
 39. *Chrysomelidae*
 40. *Curculionidae*
 41. *Chrysomelidae*
 42. *Curculionidae*
 43. *Chrysomelidae*
 44. *Curculionidae*
 45. *Chrysomelidae*
 46. *Curculionidae*
 47. *Chrysomelidae*
 48. *Curculionidae*
 49. *Chrysomelidae*
 50. *Curculionidae*
 51. *Chrysomelidae*
 52. *Curculionidae*
 53. *Chrysomelidae*
 54. *Curculionidae*
 55. *Chrysomelidae*
 56. *Curculionidae*
 57. *Chrysomelidae*
 58. *Curculionidae*
 59. *Chrysomelidae*
 60. *Curculionidae*
 61. *Chrysomelidae*
 62. *Curculionidae*
 63. *Chrysomelidae*
 64. *Curculionidae*
 65. *Chrysomelidae*
 66. *Curculionidae*
 67. *Chrysomelidae*
 68. *Curculionidae*
 69. *Chrysomelidae*
 70. *Curculionidae*
 71. *Chrysomelidae*
 72. *Curculionidae*
 73. *Chrysomelidae*
 74. *Curculionidae*
 75. *Chrysomelidae*
 76. *Curculionidae*
 77. *Chrysomelidae*
 78. *Curculionidae*
 79. *Chrysomelidae*
 80. *Curculionidae*
 81. *Chrysomelidae*
 82. *Curculionidae*
 83. *Chrysomelidae*
 84. *Curculionidae*
 85. *Chrysomelidae*
 86. *Curculionidae*
 87. *Chrysomelidae*
 88. *Curculionidae*
 89. *Chrysomelidae*
 90. *Curculionidae*
 91. *Chrysomelidae*
 92. *Curculionidae*
 93. *Chrysomelidae*
 94. *Curculionidae*
 95. *Chrysomelidae*
 96. *Curculionidae*
 97. *Chrysomelidae*
 98. *Curculionidae*
 99. *Chrysomelidae*
 100. *Curculionidae*

Anexo 1. Síntesis de referencia fatal; fecha: 10 de mayo de 2006; grupo: 1; método: método de la Capa 1.

Em 18 meses podemos crescer mil metros!

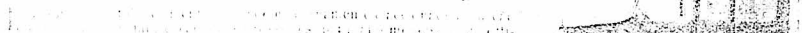
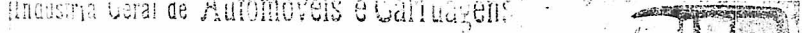
probable e, ainda a valorização dos imóveis despoilados da área.

Porque V. E. não compra terrenos na Vila Ponce?

4. Que seja a construção de um "estágio" que se possa compor nos terrenos da Vila Pampas.

Para maiores detalhes: Na Companhia Urbana Predial

1. *Journal of the American Medical Association*, 2000; 283: 2686-2692.



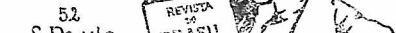
cina, decisamente e come



escriptores.

Anno 152000

R. Boa Vista

[illegible]

Journal of Management Education 30(6)p.789-804

o mais puro e aromático.

as qualidades

e e mais barato.

Grande sortimento de ferragens finas e grossas.

□□□□

Pedidos e informações a

8 de Setembro de 1964, da 1.ª e 2.ª Seções do Conselho de Estado.

CONSTRUCTORES E EMPREITEIROS

1. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$ 2. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$ 3. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$ 4. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$ 5. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$ 6. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$ 7. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$ 8. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$ 9. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$ 10. $\frac{1}{2} \times \frac{1}{2} = \frac{1}{4}$

Figure 1. The effect of the concentration of the polymer on the gelation time of the polymer solution. The concentration of the polymer was 0.5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834

1. The first step in the process is to identify the problem or issue that needs to be addressed. This involves gathering information and understanding the context of the problem.

.....



Rua Floriano Peixoto, 3

Canto do Largo da Se Teleph. 1582

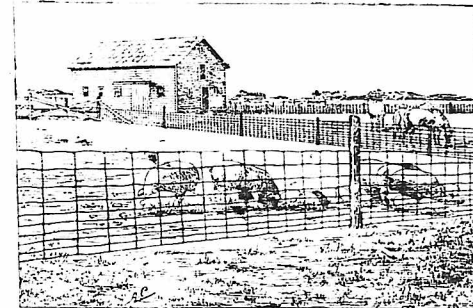
franceses, capachos ingleses e portugueses

Tecido "PAGE"

A melhor cerca que se conhece até
hoje para: pastos, curraes, hortas,
jardins, frente de predios etc.

E' a mais barata, melhor e mais bonita do qualquer outra

Fabricação da
Sociedade
Industrial e de
Automoveis
"Bom Retiro"



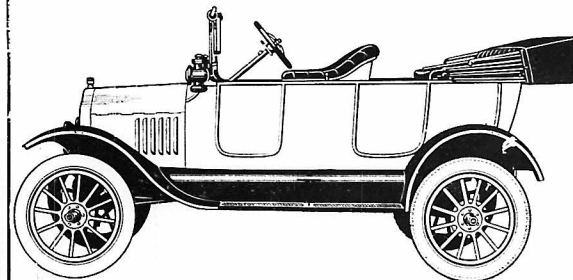
Largo de São Francisco N. 3

— SÃO PAULO

Automovel "FORD"

O mais barato, mais elegante, mais
leve e mais economico que ha;

O "FORD" transita em qualquer estrada,
por peor que seja



Preço 3:500\$000

Unico Agente:
Sociedade
Industrial
e de
Automoveis
"Bom Retiro"

LARGO de
S. FRANCISCO
N. 3 - São Paulo

Peçam
catalogos